

A ELEITA DE
KUSHIEL
Jacqueline Carey

Tradução de *Teresa Martins de Carvalho*



AGRADECIMENTOS

A todos os meus amigos, do peito ou de família, perto ou longe — por entenderem a luta, por perdoarem a falta de tempo, pelo espaço dado e a graça concedida, por partilharem a alegria (e o *júbilo*), por perguntarem, por escutarem, pelas notas escritas e enviadas, pelos serões no alpendre, pelo champanhe bebido e brindes oferecidos, por lerem, por deixarem planar as asas da história, por passarem a palavra: Obrigada. Mil vezes obrigada.



Olivia Mitchell 2001



LA S
LA ΠΑΣ

SKALDIA

LA SERENISSIMA

O CHOWAT

ILLYRIA

ΕΠΙΔΑΥΡΟ

HELLAS

Kriti

OS TEMENOS



DRAMATIS PERSONAE

CASA DE PHÈDRE

Anafiel Delaunay de Montrève — mentor de Phèdre (*falecido*)
Alcuin nó Delaunay — pupilo de Delaunay (*falecido*)
Phèdre nó Delaunay de Montrève — Comtesse de Montrève;
anguisette
Benoit, Gemma — pessoal doméstico
Fortun, Remy, Ti-Philippe — chevaliers, alcunhados Os Ra-
pazes de Phèdre
Eugènie — cozinheira
Joscelin Verreuil — Irmão Cassiline (Siovale)
Purnell Friote — senescal de Montrève
Richeline Friote — esposa de Purnell

MEMBROS DA FAMÍLIA REAL: TERRE D'ANGE

Ysandre de la Courcel — Rainha de Terre d'Ange; casada com
Drustan mab Necthana
Ganelon de la Courcel — anterior Rei de Terre d'Ange; avô de
Ysandre (*falecido*)
Isabel L'Envers de la Courcel — mãe de Ysandre (*falecida*)
Rolande de la Courcel — pai de Ysandre (*falecido*)
Barquiel L'Envers — irmão de Isabel; Duc L'Envers (Namarre)
Baudoin de Trevalion — filho de Lyonette e Marc; Príncipe de
Sangue (*falecido*)
Bernadette de Trevalion — filha de Lyonette e Marc; esposa de
Ghislain de Somerville
Lyonette de Trevalion — tia-avó de Ysandre; alcunhada Leoa
de Azzalle (*falecida*)
Marc de Trevalion — marido de Lyonette; anterior Duc de
Trevalion (*Azzalle*)
Nicola L'Envers y Aragon — prima de Ysandre

MEMBROS DA FAMÍLIA REAL:
LA SERENÍSSIMA

Benedicte de la Courcel — tio-avô de Ysandre; Príncipe de Sangue

Maria Stregazza de la Courcel — esposa de Benedicte (*falecida*)

Etaine de Tourais — segunda esposa de Benedicte de la Courcel

Imriel de la Courcel — filho de Benedicte e segunda esposa

Marie-Celeste de la Courcel Stregazza — filha de Benedicte e Maria; Princesa de Sangue; casada com Marco Stregazza

Severio Stregazza — filho de Marie-Celeste e Marco; Príncipe de Sangue

Thérèse de la Courcel Stregazza — filha de Benedicte e Maria; Princesa de Sangue; casada com Dominic Stregazza (*falecido*)

FIDALGUA D'ANGELINE

Isidore d'Aiglemort — filho de Maslin; Duc d'Aiglemort (Camlach) (*falecido*)

Marquise Solaine Belfours — fidalga; Secretária do Selo Privado
Cecilie Laveau-Perrin — esposa do Chevalier Perrin (*falecido*); adepta da Casa Cereus; tutora de Phèdre e Alcuin

Roxanne de Mereliot — Senhora de Marsilikos (Eisande)

Quincel de Morhban — Duc de Morhban (Kusheth)

Sua Senhoria Rinforte — Prefeito da Irmandade Cassiline

Edmée de Rocaille — noiva de Rolande (*falecida*)

Faragon Shahrizai — Duc de Shahrizai (Kusheth)

Melisande Shahrizai — fidalga (Kusheth)

(Tabor, Sacriphant, Persia, Marmion, Fanchone — membros da Casa Shahrizai; parentes de Melisande)

Ghislain de Somerville — filho de Percy; casado com Bernadette de Trevalion

Percy de Somerville — Comte de Somerville (L'Agnace); Príncipe de Sangue; Comendador Real

Tibault de Toluard — Marquis de Toluard (Siovale)

Gaspar Trevalion — Comte de Fourcay (Azzalle); primo de Marc Apollonaire e Diàne — detentores do Marquesado de Fhirze

Vivienne Neldor, Marie de Flairs — damas de companhia de Ysandre

Sua Senhoria Amaury Trente — Capitão da Guarda da Rainha

Sua Senhoria Denise Grosmaine — Secretária da Presença

CORTE DA NOITE

Moirethe Lereux — Cortesã-Mor da Casa Rosa Amarela

Favrielle nó Rosa Amarela — costureira

Raphael Murain nó Genciana — adepto da Casa Genciana

TRÊS IRMÃS

Senhor do Estreito — controla os mares entre Alba e Terre d'Ange

Hyacinthe — aprendiz do Senhor do Estreito; amigo de Phèdre; tsingano

ALBA E EIRE

Drustan mab Necthana — Cruarch de Alba, casado com Ysandre de la Courcel

Eamonn mac Conor — Senhor dos Dalriada (*falecido*)

Grainne mac Conor — irmã de Eamonn; Senhora dos Dalriada

Necthana — mãe de Drustan

(Breidaia, Moiread (*falecida*), Sibeal — filhas de Necthana)

LA SERENÍSSIMA

Cesare Stregazza — Doge de La Sereníssima

Marco Stregazza — filho mais velho do Doge

Ricciardo Stregazza — filho mais novo do Doge

Allegra Stregazza — esposa de Ricciardo

Benito Dandi — fidalgo, membro dos Immortali

Orso Latrigan — fidalgo, candidato à eleição do Dogado

Bianca — Sacerdotisa das Eleitas; Oráculo de Asherat
Vesperia — Sacerdotisa de Asherat; aprendiz de Oráculo
Giulia Latrigan — fidalga
Magister Acco — astrólogo
Serena Pidari — esposa de Phanuel Buonard
Felicity d'Arbos — antiga dama de companhia de Maria Stregazza
Carcereiro-Mor de La Dolorosa
Constantin, Fabron, Malvio, Tito — carcereiros

ILLYRIA

Vasilii Kolcei — Ban de Illyria, alcunhado o Zim Sokali
Zabèla Kolcei — esposa do Ban
Pjètri Kolcei — filho do meio do Ban
Czibor — comandante da Guarda do Ban
Kazan Atrabiades — capitão pirata
(Epafra, Gavril, Lukin, Nikanor, Oltukh, Pekhlo, Spiridon,
Stajeo, Tormos, Volos, Ushak — homens de Kazan)
Daroslav — irmão de Kazan (*falecido*)
Glaukos — homem de Kazan, antigo escravo tiberiano
Zilje — esposa de Glaukos
Marjopí — governanta de Kazan
Njësä Atrabiades — mãe de Kazan
Janàri Rossatos — Embaixador em La Sereníssima

KRITI

Oeneus Asterius — Hierofante dos Temenos
Pasifae Asterius — a Kore dos Temenos
Demetrios Asterius — Arconte de Faistos
Timanthes — fidalgo, amante do Arconte
Althaia — fidalga, irmã de Timanthes

OUTROS

Maestro Gonzago de Escabares — historiador aragonês; anti-
go professor de Delaunay

Thelesis de Mornay — Poeta da Rainha
Quintilius Rouse — Almirante Real
Emile — membro da antiga equipagem de Hyacinthe
Jacques Brenin — feitor de Phèdre
Nahum ben Isaac — o Rebbe
Hanna — mulher yeshuíta
Micheline de Parnasse — Arquivista Real
Tarren d'Eltoine — Capitão dos Imperdoáveis, Fortesul (Camlach)
(Octave, Vernay, Svariel, Fitz, Giles — soldados dos Imperdoáveis)
Phanuel Buonard — guarda de Troyes-le-Mont
Louis Namot — Capitão do navio *Darielle*
Brys nó Rinforte, David nó Rinforte — Irmãos Cassilines
Gregorio Livinius — Príncipe de Pavento
Duque e Duquesa de Milazza
Gilles Lamiz — aprendiz de poeta
Micah ben Ximen, Sarae, Teppo — yeshuítas; aliados de Joscelin
Cervianus — ajudante do Templo de Asherat



Um



Ninguém negará que eu sofri agruras no meu tempo, breve embora que foi para tudo o que nele fiz. Isto, penso eu, posso dizer sem jactância. Se respondo agora pelo título de Comtesse de Montrève e o meu nome consta entre a fidalguia de Terre d'Ange, ainda assim soube o que é ter tudo o que possuo arrancado de mim; primeiro, tinha apenas quatro anos de idade, minha mãe natural vendeu-me para a servidão na Corte das Flores da Noite, e segundo, quando o meu senhor e mentor Anafiel Delaunay foi chacinado, e Melisande Shahrizai me traiu às mãos dos Skaldi.

Atravessei as vastidões selvagens da Skaldia no pico do inverno, e afritei a ira do Senhor do Estreito nas águas revoltas. Fui o brinquedo de um comandante de guerra bárbaro, e perdi o meu mais querido amigo para uma eternidade de desolado isolamento. Vi os horrores da guerra e as mortes dos meus companheiros. Atravessei pelo meu pé, só durante a noite, a vasta escuridão de um acampamento inimigo, sabendo que me entregava à tortura e à quase morte certa.

Nada disso foi tão duro como dizer a Joscelin que ia retornar ao Serviço de Naamah.

Foi a capa *sangoire* que a isso me determinou; o desafio de Melisande e o distintivo do meu chamamento que me marcou como *anguissette*, a Eleita de Kushiel, tão claramente como o cisco escarlata brasonado desde nascença na íris do meu olho esquerdo. Uma pétala de rosa

flutuando sobre águas escuras, algum admirador lhe chamou uma vez. O *sangoire* é uma cor mais profunda, um vermelho tão escuro que raia o negro. Vi sangue derramado à luz das estrelas; é uma cor apropriada para alguém como eu, destinada a encontrar prazer na dor. Com efeito, usá-la é interdito a quem quer que não seja uma *anguisette*. Os D'Angelines apreciam estas delicadezas poéticas.

Sou Phèdre nó Delaunay de Montrève, e sou a única. O Dardo de Kushiel raramente é desferido, pelo menos com sucesso.

Quando o Maestro Gonzago de Escabares trouxe a capa de La Sereníssima, e o relato de como esta lhe chegara às mãos, eu fiz a minha escolha. Soube nessa noite. À noite, a minha rota parecia clara e evidente. Há um traidor no coração de Terre d'Ange, alguém próximo bastante do trono para lhe tocar; isso, sabia eu. O facto de Melisande enviar a capa tornou-o bem claro; eu tinha meios de descobrir a identidade do traidor, escolhesse eu entrar no jogo. Que isso era verdade, não duvidava eu. Pela Corte da Noite e por Delaunay, fui primorosamente adestrada como cortesã e espia. Melisande sabia-o — e Melisande tinha necessidade de uma audiência, ou pelo menos de um adversário à altura. Era claro, ou assim pensava eu.

À luz do dia, perante o ansioso olhar azul de Joscelin, conheci quanta miséria isso causaria. E por isso protelei, temporizando, segura na minha razão mas com agonia no coração. Maestro Gonzago ficou alguns dias, desfrutando da hospitalidade que eu tanto me esforcei por providenciar. Ele alguma coisa suspeitou do meu tormento, não duvido. Vi-o reflectido no seu rosto gentil e desgracioso. Por fim partiu sem me pressionar, com o seu aprendiz Camilo no seu encalço, rumo à Aragónia.

Fui deixada só com Joscelin e a minha decisão.

Fôramos felizes em Montrève, ele e eu; especialmente ele, criado nas montanhas de Siovale. Sei o que custou a Joscelin unir a sua vida à minha, desafiando o seu voto Cassiline de obediência. Que a gente da corte se ria, se quisesse, mas ele tomava os seus votos a sério, e o celibato não era o menor deles. Os D'Angelines seguem o preceito do Abençoado Elua, que nasceu da união do sangue de Yeshua ben Yosef e das lágrimas da Magdalena no ventre da Terra: *Ama à tua vontade*. Só entre os Companheiros, apenas Cassiel repudiou o mandamento de Elua; Cassiel, que aceitou a danação para permanecer celibatário e firme ao lado de Elua, o Companheiro Perfeito, recordando ao Deus Um o sagra-do dever que até Ele esquecera.

Esses, então, eram os votos que Joscelin quebrara por mim. Montrève assaz contribuíra para sarar as feridas que essa quebra lhe havia

infligido. O meu retorno ao Serviço de Naamah, que se fora livremente para o lado de Elua, que por ele se deitara igualmente com reis e camponeses, abriria de novo essas feridas.

Disse-lhe.

E observei as linhas brancas de opressão, tanto tempo ausentes, gravarem-se de cada lado do seu belo rosto. Expus o meu razoado, ponto a ponto, do modo como Delaunay teria feito. Joscelin conhecia o historial quase tão bem como eu. Fora nomeado meu companheiro quando Delaunay ainda era detentor da minha marca; conhecia o papel que eu representara ao serviço do meu senhor. Estava comigo quando Delaunay fora chacinado, e Melisande nos traíra a ambos — e estava lá nessa fatídica noite em Troyes-le-Mont, em que Melisande Shahrizai escapara à justiça da Rainha.

— Estás segura? — Foi tudo o que ele disse, depois de eu ter acabado.

— Sim. — Proferi a palavra num sussurro, as mãos crispadas nas dobras opulentas da minha capa *sangoire*, que segurava enrodilhada nos braços. — Joscelin...

— Tenho de pensar. — Deu meia-volta, o rosto fechado como o de um estranho. Angustiada, vi-o ir-se, sabendo que nada mais havia que pudesse dizer. Joscelin soubera, desde o começo, o que eu era. Mas jamais pensara amar-me, nem eu a ele.

Havia no jardim um pequeno altar a Elua, de que Richeline Friote, a esposa do meu senescal, cuidava com grande desvelo. Flores e ervas aromáticas cresciam em abundância atrás da casa solarenga, onde uma estátua de Elua, com não mais que uns quatro pés de altura, sorria benignamente para a nossa generosidade, pétalas lançadas aos seus pés de mármore. Eu conhecia bem o jardim, pois ali passara muitas horas sentada num banco, ponderando a minha decisão. Foi ali, também, que Joscelin escolheu pensar, ajoelhado defronte de Elua à maneira Cassiliane, de cabeça baixa e braços cruzados.

Ali ficou por um longo tempo.

Já prestes a anoitecer, uma chuva leve começara a cair e ainda assim Joscelin permanecia ajoelhado, uma figura silenciosa no crepúsculo pardacento. As flores outonais foram-se carregando de água e deixando pender as corolas radiosas, o manjeriço e o rosmaninho libertando uma fragrância pungente no ar impregnado de humidade, e ele ainda ajoelhado. A sua trança loura como o trigo pendia-lhe imóvel pelas costas abaixo, arroios de chuva correndo a todo o seu comprimento. A luz foi esmorecendo, e ele ainda ajoelhado.

— Minha senhora Phèdre. — A voz inquieta de Richeline sobres-

saltou-me; não a ouvira acercar-se, o que, para mim, era digno de nota. — Quanto tempo ficará ele ali, o que pensais?

Eu arredei-me da janela sobranceira à arcada do jardim. — Não sei. É melhor servirdes a ceia sem ele. Pode tardar um pouco. — Joscelin fizera em tempos uma vigília, sob a neve, ao longo de toda uma noite skáldica, por qualquer obscuro ponto de honra Cassiline. Esta doía mais fundo. Olhei de relance para Richeline, para o seu rosto aberto e ansioso. — Disse-lhe que estou a planear retornar à Cidade de Elua. Ao Serviço de Naamah.

Richeline inspirou fundo, mas a sua expressão não se alterou. — Perguntava-me se o faríeis. — A sua voz assumiu um tom compassivo. — Ele não é de índole a suportá-lo facilmente, minha senhora.

— Eu sei. — Soava mais firme do que me sentia. — Não o escolhi levemente, Richeline.

— Não. — Ela abanou a cabeça. — Não o faríeis.

O seu apoio dava-me mais alento do que eu julgara. Olhei de novo através da janela para a indistinta figura ajoelhada de Joscelin, as lágrimas assomando-me aos olhos. — Purnell permanecerá como senescal, é claro, e vós com ele. Montrève tem necessidade da vossa mão, e a gente local acabou por confiar em vós. Não o quereria de outra forma.

— Sim, minha senhora. — O seu olhar bondoso era quase intolerável, pois eu não gostava sobremaneira de mim nesse momento. Richeline levou o punho ao coração no antigo gesto de fidelidade. — Cuidaremos de Montrève por vós, Purnell e eu. Podeis ficar certa disso.

— Agradeço-vos. — Engoli com força em seco, reprimindo o pesar. — Chamais os rapazes para a ceia, Richeline? Há que dizer-lhes, e tenho necessidade da ajuda deles. Se vou fazê-lo antes do Inverno, devemos começar desde já.

— É claro.

“Os rapazes” eram os meus três chevaliers; os Rapazes de Phèdre, haviam-se eles apelidado, Remy, Fortun e Ti-Philippe. Marinheiros combatentes sob o comando do Almirante Real Quintilius Rouse, tinham-se ligado ao meu serviço após a nossa demanda até Alba e a batalha de Troyes-le-Mont. Na verdade, acho que divertiu a Rainha outorgarmos.

Contei-lhes à ceia, servida no salão do solar com linho branco à mesa, e um ror de velas. A princípio fez-se silêncio, depois Remy deixou escapar uma irreprimível exclamação de júbilo, os olhos verdes brilhando.

— Para a Cidade, minha senhora? Prometeis?

— Prometo — disse-lhe eu. Ti-Philippe, pequeno e louro, abriu-se num sorriso, enquanto o sólido e trigueiro Fortun olhava pensativa-

mente para mim. — Será necessário que dois de vós cavalguem à frente a tomar providências. Tenho necessidade de uma casa modesta, nas cercanias do Palácio. Dar-vos-ei cartas de intenção para levardes ao meu feitor na Cidade.

Remy e Ti-Philippe puseram-se a querelar quanto à aventura. Fortun fitava-me ainda com os seus olhos escuros. — Ides à caça, minha senhora? — perguntou suavemente.

Eu brinquei com uma pêra cozida, coberta de queijo, para ocultar a minha falta de apetite. — Que sabes tu disso, Fortun?

O olhar dele não vacilou. — Estive em Troyes-le-Mont. Sei que alguém conspirou para libertar a Senhora Melisande Shahrizai. E sei que sois uma *anguissette* adestrada por Anafiel Delaunay, que, fora dos limites de Montrève, é chamado por alguns de Aproveitador de Espiões.

— Sim. — Proferi-o num sussurro, e senti um frémito percorrer-me as veias, impetuoso e inegável. Levantei a cabeça, sentindo o peso do meu cabelo preso numa rede de veludo, e emborquei um trago de excelente conhaque dos pomares de L'Agnace. — Está na altura de o Dardo de Kushiel ser desferido de novo, Fortun.

— O meu senhor Cassiline não irá gostar disso, minha senhora — alertou Remy, havendo deixado a querela com Ti-Philippe. — Há sete horas que está ajoelhado no jardim. Julgo agora saber porquê.

— Joscelin Verreuil é assunto meu. — Empurrei o prato para longe de mim, abandonando qualquer pretensão de comer. — Agora preciso da vossa ajuda, chevaliers. Quem cavalgará até à Cidade, a providenciar-me uma casa?

No fim, ficou decidido que Remy e Ti-Philippe iriam ambos à frente, assegurando-nos morada e dando a conhecer o meu retorno. Como iria Ysandre receber a nova, não estava certa. Eu não lhe falara do presente de Melisande, nem das minhas inquietações no que tocava à sua fuga. Não duvidava de que tinha o apoio da Rainha, mas os descendentes de Elua e seus Companheiros podem ser uma gente caprichosa, e julguei melhor operar em segredo de momento. Deixá-los supor que fora o espicaçar do Dardo de Kushiel que me fizera retornar; quanto menos soubessem, mais poderia eu descobrir.

Assim me ensinou Delaunay, e é um avisado conselho. Devemos avaliar cautelosamente onde pomos a nossa confiança.

Eu confiava imensamente nos meus três chevaliers, ou jamais lhes teria dado a conhecer ao que íamos. Delaunay procurava proteger-me — a mim, e a Alcuin, que pagou o supremo preço por isso —, mantendo-nos na ignorância. Eu não cometeria o seu erro; pois assim o considero agora, um erro.

Mas, ainda assim, havia apenas uma pessoa em quem confiava inteiramente de alma e coração, e essa jazia de joelhos sem falar no jardim inundado de chuva de Montrève. Fiquei muito tempo acordada nessa noite, lendo um tratado yeshuíta que me fora trazido por Gonzago de Escabares. Não desistira do meu sonho de achar maneira de libertar Hyacinthe da sua eterna vinculação ao Senhor do Estreito. Hyacinthe, o meu mais antigo amigo, o companheiro da minha infância, aceitara um destino que me estava reservado a mim: condenado à imortalidade numa ilha solitária, a menos que eu descobrisse maneira de libertá-lo, de quebrar o *geis*¹ que o amarrava. Li até ficar com os olhos vítreos e a minha mente vaguear. Por fim, dormitei diante do fogo, atizado de hora a hora por dois criaditos sussurrantes.

O sentir de uma presença acordou-me, e abri os olhos.

Joscelin estava postado diante de mim, escorrendo água sobre as lajes cobertas de tapetes. No momento em que o olhei, cruzou os antebraços e fez uma vénia.

— Em nome de Cassiel — disse, a voz rouca de horas de silêncio —, protejo e sirvo.

Conhecíamos-nos os dois demasiado bem, nós também, para dissimulações.

— Não mais que isso?

— Não mais — disse ele firmemente —, e não menos.

Quedei-me sentada a contemplar o seu belo rosto, os seus olhos azuis esgotados da longa vigília. — Não poderá haver meio-termo entre nós, Joscelin?

— Não. — Ele abanou gravemente a cabeça. — Phèdre... Elua sabe-o, amo-te. Mas estou juramentado a Cassiel. Não posso ser duas coisas, nem mesmo para ti. Honrarei o meu voto, de te proteger e servir. Até à morte, se necessário for. Não podes pedir mais. E contudo pedes.

— Eu sou eleita de Kushiel, e juramentada a Naamah — sussurrei. — Honro o teu voto. Não podes honrar o meu?

— Só à minha própria maneira. — Sussurrou-o também; eu sabia o quanto lhe custava, e fechei os olhos. — Phèdre, não peças mais.

— Assim seja — disse eu de olhos fechados.

Quando os abri, ele fora-se.

¹ Na mitologia celta irlandesa, *geis* (plural, *geasa*) é um feitiço mágico, em geral imposto por uma mulher, que pode ser comparado a uma maldição, ou, paradoxalmente, a um dom. (N. da T.)

Dois



A última vez que entrara na Cidade de Elua, fora a cavalo em triunfo na comitiva de Ysandre de la Courcel, fresca da vitória sobre os Skaldi, com o Exército Real e Drustan mab Necthana e o contingente de Alba a nosso lado. Desta vez, o meu retorno à cidade do meu nascimento foi consideravelmente menos dramático, embora muito significasse para mim.

É uma coisa poderosa, retornar a casa. Ganhara amor a Montrève, com as suas montanhas verdes, o seu encanto rústico; mas a Cidade era a minha casa, e chorei ao ver as suas muralhas brancas uma vez mais. O meu coração, há mais de um ano acostumado ao passo tranquilo da província, agitou-se dentro do meu peito e bateu com mais força.

Havíamos passado longos dias na estrada, à medida que o tempo fresco do outono se transformava no frio iminente do inverno. Quando antes viajara, fizera-o apenas com os meus companheiros e robustas montadas. Agora, viéramos acompanhados de carroças carregadas de lã, produto da última tosquia da estação, com uma carroça inteira para os meus pertences, que incluíam os volumes e rolos de pergaminho da pesquisa yeshuíta que acumulara no espaço de um ano.

Era uma quantidade apreciável, pois os seguidores de Yeshua eram uma gente prolífica. A sua história é antiga, datando de muito antes do tempo de Yeshua ben Yosef, o filho verdadeiro gerado do Deus Um, pregado numa cruz tiberiana, o seu sangue misturando-se com as lágrimas

da Magdalena para engendrar o abençoado Elua. Não descobrira ainda nos seus escritos uma pista para desfazer o *geis* que amarrava Hyacinthe, mas ainda mantinha a esperança.

Na nossa caravana havia ainda uma carroça para as nossas coisas, tendas e vitualhas, e mulas de carga para os pertences dos meus serviçais. Até uma parelha de cavalos de sela trazíamos por montar, montadas frescas para Remy e Ti-Philippe, que andavam para trás e para diante entre o nosso vagaroso grupo e a Cidade.

— Ireis precisar de um coche — disse Fortun pragmaticamente quando nos acercávamos da Cidade. — Não ficará bem à Comtesse de Montrève montar a cavalo, minha senhora. Mas penso que poderá esperar até que vendamos a lã.

— Terá de esperar. — Supusera, antes de o Chanceler do Erário de Ysandre me haver informado de que eu era a herdeira do património de Delaunay e respectivo título não clamado, que todos os fidalgos d'Angelines tinham dinheiro com fartura; na verdade, não era assim. Retirava um modesto rendimento das minhas propriedades em Montrève, e tinha fundos da recompensa da casa de Delaunay na Cidade. Fora confiscada após a sua morte, quando eu fora julgada in absentia pelo seu homicídio. Agora, tinha o nome limpo, graças à intervenção de Ysandre. Na Cidade de Elua, é sabido que eu muito amava o meu senhor Delaunay e não tomei parte na sua morte; como ele me nomeou sua herdeira, assim o fui. Contudo, não foi meu desejo ficar no lugar onde ele morreu.

Portanto, herdei a sua propriedade de Montrève, e aceitei recompensa pela venda da sua casa na Cidade; mas os rendimentos da primeira foram para o pagamento e equipagem dos meus serviçais, e a última para a compra de uma casa para nós. Da pequena quantia que ficou, confesso, grande parte foi para a minha biblioteca.

Essas compras, não as lamentei. Nunca se sabe de mais, costumava dizer Delaunay; e eu tinha plena intenção de dar bom uso ao saber que recolhia. Mas com pouco me deixava no que toca a capital.

Tive um diamante, em tempos, que teria financiado a abertura de um salão que faria a inveja de qualquer cortesã. Pensando nisso, toquei a garganta nua onde ele usava estar suspenso. Antes teria morrido à fome do que lucrar com aquela pedra.

Quando cavalgávamos já bem cerca do portão sul, Fortun hasteou o estandarte de Montrève; verde, uma lua crescente a prata em cima à direita, e uma fraga negra de zibelina em baixo à esquerda. A Guarda da Cidade ergueu as suas lanças em resposta, um grito soando das muralhas brancas — Ti-Philippe, jogando aos dados com os guardas, estivera

aguardando a nossa chegada. Ouvi elevar-se um cântico entrecortado, por demais familiar; o cântico de marcha dos Rapazes de Phèdre, nascido da nossa desesperada demanda a Alba.

Olhando de relance para Joscelin, vi-o encolher os ombros de resignação. E assim entrámos na Cidade.

Nalgumas partes, era pequena, e noutras, mais vasta e encantadora do que eu a recordava, graciosa e orgulhosa. Ti-Philippe desceu a correr ao nosso encontro, e conduziu-nos por ela dentro, ao longo do curso sinuoso do rio em direcção ao Palácio. Na rua, os cidadãos detinham-se a observar curiosos, assinalando a nossa passagem. Pude ouvir os rumores começarem a espalhar-se. Para leste, o morro de Mont Nuit estendia-se para o alto. Ali ficava a Corte da Noite, com as suas Treze Casas, onde eu recebera os meus primeiros ensinamentos; na Casa Cereus, Primeira entre as Treze. No seu sopé ficava o Umbral da Noite, meu refúgio, onde Hyacinthe se estabelecera como Príncipe dos Viajantes.

Isso era passado. O futuro jazia diante de nós. À vista do Palácio, no cruzamento de uma rua estreita, Remy aguardava-nos. Após uma apressada conferência, Ti-Philippe tomou a seu cargo as carroças de lã, conduzindo-as para o bairro dos cardadores.

— Minha senhora. — Remy abriu-se num sorriso, e fez-me uma mesura da sela, erguendo-se para apontar a rua. — Os vossos alojamentos aguardavam-vos!

Se alguém questionasse o aviso de permitir que os meus selvagens marinheiros procurassem alojamento para nós, os seus receios não teriam razão de ser; eles eram ciosos da minha honra, os Rapazes de Phèdre, e a ninguém era permitido escarnecer dela senão a eles próprios. Oculta à sombra do Palácio, era uma casa encantadora. Tinha um pátio diminuto quase submergido por uma latada de vinha, cavaliça e uma planta enganadoramente generosa, sendo estreita, mas funda. Havia espaço de sobra para todos nós.

— Contratei uma cozinheira — disse Remy ansiosamente —, e uma criada de dia. Há um moço para ajudar na cavaliça, e penso que entre nós três... quatro... — lançou um olhar de relance a Joscelin — ... poderemos fazer o que mais for necessário. Servirá, minha senhora?

Fiquei postada na entrada, onde a luz de inverno se coava fria e verde através das robustas parreiras. — Servirá — disse, sustendo a respiração numa risada. — Servirá admiravelmente, chevalier!

Assim tomei eu residência como Comtesse de Montrève na Cidade de Elua.

O meu primeiro convite chegou ainda eu mal me instalara; não era de admirar, pois escrevera previamente a Cecilie a dar parte do meu retorno. Havíamos mantido uma correspondência permanente durante o tempo passado em Montrève, pois, além de ser uma das minhas mais antigas conhecidas — e uma das poucas em quem confiava praticamente tanto como em Joscelin —, era uma correspondente deliciosa, as suas cartas carregadas de novidades e mexericos com que me deleitava até mais não. Aceitei imediatamente o seu convite.

— Phèdre. — Vindo receber-me à porta, Cecilie Laveau-Perrin tomou-me sem vacilar num caloroso abraço que eu retribuí sem reserva. Os seus olhos azul-claros, encastoados num rosto não menos belo pela idade que se fazia avançada, brilhavam quando me olhou através dos braços estendidos. — Estás com boa aparência. A vida no campo parece fazer-te bem. — Sorrindo, deu a Joscelin o beijo da saudação. — E Joscelin Verreuil! Ainda tenho ciúmes do ascendente de Cassiel sobre ti.

Joscelin ruborizou-se até à raiz do cabelo e murmurou algo em resposta; fora mais gracioso, da última vez. — Com a vossa permissão — disse rigidamente para mim —, vou ver se encontro a câmara dos eruditos de que falou Seth ben Yavin, e retornarei a buscar-vos dentro de umas horas. Estou certo de que vós e a Senhora Cecilie têm muito de que falar.

— Como queiras. — Era constrangedora, esta formalidade entre nós; teria sido capaz de morder a língua face ao tom da minha voz, embora não soasse mais fria que a dele.

Cecilie ergueu as sobrancelhas, mas nada disse até nos encontramos sentadas na sua salinha de estar, a divisão mobilada com aconchego onde ela recebia os amigos íntimos. Uma criada serviu-nos vinho e trouxe uma bandeja com iguarias, retirando-se com a imaculada discrição de alguém adestrado para servir uma adepta da Casa Cereus. — A pressão da vossa união amaldiçoada pelo destino provou pois ser demasiada, minha querida? — perguntou ela então, afectuosamente.

— Não em Montrève, não. — Abanei a cabeça e beberiquei um gole de vinho, depois inspirei fundo. — Estou de volta ao Serviço de Naamah.

— Ah. — Cecilie pousou o queixo nas pontas dos dedos, olhando-me. — E Messire Joscelin sente-se desgostoso. Bem, não me pareceu que Naamah estivesse acabada para ti, Phèdre — disse ela, surpreendendo-me. — Nascestes para seres uma das grandes, não para perderes a tua juventude com tosqias de ovelhas e bailes em celeiros. Que idade tens? Vinte?

— Vinte e dois. — Um toque de indignação no meu tom fê-la sorrir.

— Vês? Mal passaste a meninice. — Brincou com uma fiada de pérolas, mas os seus pálidos olhos azuis eram argutos. — Embora conceda que viste e fizeste coisas a que nenhuma adepta da Corte da Noite poderia sobreviver. Ainda assim, em dez anos, poderás atingir o teu apogeu. É apenas isso, minha querida, ou é o jogo de Anafiel Delaunay que buscas jogar?

Eu deveria ter sabido que ela suspeitaria. Fora Cecilie quem nos ensinara, a mim e a Alcuin, as artes do amor; fora também um dos poucos que sabia o que Delaunay engendrava. Por um breve momento, considerei abrir-me com ela. Confiava na sua discrição. Mas isso apoquentá-la-ia; e poderia pô-la em perigo, também. E, ao contrário de Joscelin e dos meus chevaliers, Cecilie não era guerreiro nenhum juramentado a proteger-me, exímio nas artes da defesa. Isso pôs o dilema de Delaunay a diferente luz, e pela primeira vez senti-me solidária com o seu desejo de me proteger na ignorância.

— Sou juramentada a Naamah, e não à Casa Courcel — disse com ligeireza. — Ao contrário do meu senhor Delaunay. Mas podeis estar certa, não esqueci o que aprendi ao seu serviço. Manterei os ouvidos e o espírito alerta. Se vier a saber algo que Ysandre deva saber... — Encolhi os ombros. — Tanto melhor.

Não inteiramente convencida, Cecilie olhou-me nos olhos. — Toma cautela, Phèdre.

Como adepta da Casa Cereus, tinha motivo para saber. Nas Treze Casas da Corte das Flores da Noite, o Serviço de Naamah era uma questão de fé. Tal como Naamah se havia deitado com estranhos em benefício do abençoado Elua, assim o fazíamos nós; mas nós éramos mortais, e onde o poder se cruza com o prazer, existe perigo. Os adeptos da Corte da Noite lidavam com diletantismo e grande cautela com a intriga política. Como par do reino, eu ainda mais arriscava. Nenhuma pessoa viva o fizera.

Pondo uma pétala de rosa cristalizada na língua, deixei-a derreter numa onda de doçura. — Tomarei — prometi. — Que novas perdi eu?

— Ah, bem! — Os olhos dela dançaram. — A despeito da visita do Cruarch este verão, torna-se por demais evidente que a Rainha não está de esperanças. Agora que temos o Inverno à porta, crescem as especulações sobre se ela tomará ou não um amante; e, se sim, quem.

— Deveras? — murmurei. — Achais que ela o fará? — Éramos d'Angelines. *Ama à tua vontade*. Não teria sido a primeira, nem a última.

— Não — disse Cecilie com determinação, sacudindo a cabeça an-

tes de bebericar o seu vinho. — Ysandre foi criada como um peão no campo de jogos das alianças matrimoniais; sabe como jogar o jogo e não se comprometer com ninguém. Seja como for, ouço dizer que ela está comprometida a ele. Se a Casa Courcel vier a ter um herdeiro, ele ou ela será meio picti.

Era verdade; tinha razão para sabê-lo. Contra todas as probabilidades, o casamento da Rainha de Terre d'Ange e do Cruarch de Alba era um enlace de amor — e o Estreito que os dividia era quase tão profundo como o existente entre mim e Joscelin.

— Ainda assim — continuou Cecilie —, está aberta a temporada para a posição de amante da Rainha, e os candidatos abundam.

— Se Ysandre não se incomoda, não me incomodarei eu. — Peguei no jarro de vinho e tornei a encher os nossos copos. — E quanto aos Skaldi? As fronteiras têm estado calmas?

— Que nem um sepulcro. — Havia satisfação no tom dela. — Somerville foi agraciado com um ducado, sabes; soberano em L'Agnace. Ninguém o disputa. O Exército Real foi dispensado do serviço, agora. Os Camaelines seguram a fronteira.

— Os homens de d'Aiglemort? — Levantei os olhos, admirada. Cecilie assentiu.

— Os Imperdoáveis, apelidam-se a si próprios — disse suavemente. — Usam escudos negros.

Permanecemos então as duas em silêncio, recordando. Apenas uns quantos dos Aliados de Camlach haviam sobrevivido à batalha de Troyes-le-Mont, onde o grande guerreiro skaldi Waldemar Selig havia unido o seu povo, liderando uma invasão contra Terre d'Ange. Ele tivera razão para crer que levaria a melhor, encorajado nos seus intentos por Melisande Shahrizai, que jogara bem fundo. Eu sei, pois ela vendeu-me como escrava aos Skaldi quando eu descobri o seu plano. Não me parece que fosse intento dela eu sobreviver. Mas sobrevivi. No mais profundo inverno da Skaldia, sobrevivi para me tornar amante de Selig, e descobri o seu plano, escapando a tempo de avisar Ysandre. Foi quanto bastou, à justa. Ysandre enviou-me para Alba, e eu trouxe o exército do cruarch em auxílio do meu país. No fim, apenas Melisande escapou incólume.

Eu não poderia ter feito nada disso sem Joscelin.

Os Aliados de Camlach tinham sido vassalos do traidor Duc Isidore d'Aiglemort, aliado de Melisande, cuja conspiração fatal abrira a porta para a invasão skáldica e quase trouxera a ruína à nação. Isidore d'Aiglemort está agora morto, e morreu como um herói no fim.

Eu estava lá, observando do parapeito, quando ele investira contra o exército de Waldemar Selig. Foram os Aliados de Camlach que exerceram uma cunha sobre os Skaldi amontoados, e o próprio d'Aiglemort que matou Selig. Não viveu para contá-lo; não foram muitos os homens de Camlach que sobreviveram a essa investida. Os sobreviventes comprometeram-se a rechaçar os invasores skaldi para bem longe das fronteiras d'angelines.

Os Imperdoáveis. Era um nome perturbador.

— Ouviste dizer? — Cecilie mudou de assunto, servindo-se da bandeja de acepipes. — O Príncipe Benedicte tornou a casar.

— Não!

— Oh, sim. — Ela parecia divertida. — Supões que as paixões da carne murcham com a idade, minha querida?

— Mas ele deve ter...

— Apenas sessenta e tal — disse Cecilie com complacência. — E está viúvo há doze. Ganelon era mais velho que ele, uns bons anos. Tomou uma moça camaeline por esposa, cuja família foi dizimada na guerra. Tourande, Tourais, qualquer coisa assim. Esperam um filho, para a primavera. Eu não te contei?

— Não — disse eu absorta. — O que indicia isso, para o trono?

— Nada, que eu saiba. — Mordiscou um pedaço de maçapão. — Como irmão de Ganelon, Benedicte continua a ser formalmente o próximo na sucessão ao trono, mas tem duas filhas para lhe sucederem, embora, ao que sei, Thérèse esteja feita prisioneira pelo seu papel na morte de Isabel L'Envers.

— E Barquiel L'Envers?

— O Duc L'Envers. — Cecilie pousou o seu pedaço de maçapão por acabar. — A teres cautela seja com quem for, tem cautela com ele, Phèdre. Ysandre é unha com carne com o tio... e não digo que esteja errado, pois sangue chama sangue. Mas a Casa L'Envers sempre foi ambiciosa, e ele era inimigo do teu senhor, bem sabes. Ysandre pode ser filha de Isabel, mas carrega o sangue de Rolande.

Eu sabia; sabia-o bem. O Duc Barquiel L'Envers estava bem colocado no rol de pares do reino de quem eu desconfiava. Todavia, eu devia-lhe igualmente a vida.

— Bem — disse pensativamente. — Um autêntico ninho de vespas, ao que parece.

— Quando foi a política outra coisa? — Cecilie lançou-me um longo olhar avaliador. — Se vais fazê-lo, temos de preparar-te devidamente, Phèdre nó Delaunay de Montrève. Que haja memória, nenhum par do

reino escolheu seguir o serviço de Naamah. Vais contra os costumes, minha querida.

— Eu sei — disse eu. — Mas as artes de Naamah são mais velhas que a própria Terre d'Ange, e o seu serviço é antigo entre nós. Fui sua serva antes de ser par do reino. Havia honra em ambas as coisas, outra, e nenhuma obstava à outra. Fiz um juramento, Cecilie. Fiz a dedicação e soltei uma pomba em nome de Naamah. Dizeis que devo negá-lo?

— Não — suspirou Cecilie. — Nem a Rainha o dirá. Planeias manter um salão?

— Não. — Sorri. — Jamais o fiz, ao serviço de Delaunay. Os meus... patronos... preferem ser eles a estabelecer as suas condições, no seu próprio território. Eu sou uma *anguisette*, afinal de contas.

— Bem, se há alguém capaz de restaurar o esplendor do Serviço de Naamah, és tu, criança. — Inclinou a cabeça. — Precisarás pelo menos da devida assistência. Tens alguma costureira em mente? Se não tens, ouvi falar de uma moça da casa Rosa Amarela que poderia servir. — Eu abanei a cabeça. — Já estás registada na Guilda? Tens de fazê-lo, agora que completaste a tua marca. Oh, Phèdre! — Cecilie bateu palmas, os olhos cintilando. — Temos tanto que fazer!

TRÊS



— **E**ncontrei a câmara dos eruditos. A *yeshiva*. Não havíamos falado disso na viagem de volta de casa de Cecilie; Joscelin não se propusera fazê-lo, e eu pouco puxava por ele por esses dias. Servindo mais chá, ergui as sobrancelhas e aguardei.

— Encontrei-me com o Rebbe. — Aclarou a garganta e bebericou o seu chá. — É... uma figura assaz imponente. Fez-me lembrar o Prefeito.

— Falaste-lhe quanto a estudar lá?

— Mencionei-o. — Joscelin pousou a chávena. — Julgou que eu estivesse interessado em converter-me — disse secamente. — Quiçá deveria pensar nisso.

A Irmandade Cassiline tinha uma relação peculiar com os seguidores de Yeshua; de muitas formas, mantinham as mesmas crenças. Tive um insidioso sentimento de alarme, que ocultei. — Não lhe falaste de Hyacinthe, então.

— Não. — Levantando-se, Joscelin passeou-se pelo escritório, passando a mão pelas estantes e nichos expressamente mandados fazer. — Achei melhor esperar. Phèdre, achas mesmo que há uma chave?

— Não sei — respondi honestamente. — Mas tenho de procurar.

Algures, lá longe para o ocidente, o meu Príncipe dos Viajantes passava os seus dias no aprendizado para Senhor do Estreito, condenado a cumprir os termos da maldição de Rahab.² Era um sacrifício que

² Na mitologia judaica, o anjo demoníaco governante do mar. (N. da T.)

ele tinha feito por todos nós, um amargo trato. Não o houvesse ele feito, o exército de Alba jamais teria logrado atravessar o Estreito, e os Skaldi teriam conquistado Terre d'Ange. Mas, oh! Era um cruel preço a pagar. Enquanto o Deus Um punisse a desobediência do seu anjo Rahab, a maldição perduraria; e, tal como o Senhor do Estreito dissera, a memória do Deus Um era comprida.

Elua desobedeceu ao mandamento do Deus Um, mas ele e os seus Companheiros foram ajudados pela nossa Mãe Terra, em cujo ventre ele foi engendrado. Silenciosa todos estes séculos, Ela não parecia inclinada a intervir uma vez mais — e o assunto não Lhe dizia respeito. Não, se é que havia resposta, uma maneira de quebrar o *geis* do anjo, esta jazia nas antigas doutrinas dos Yeshuítas.

Já fora feito, bem sei; havia relatos de heróis que haviam desafiado a vontade dos emissários do Deus Um, levando-lhes a melhor em manha e erudição. Mas isso era nos tempos em que os anjos caminhavam na terra e os deuses falavam directamente às suas gentes. Agora os deuses mantinham o seu conselho, e só nós mortais de condição inferior, cujas linhagens de sangue ténues vestígios de icor³ carregavam, fôramos deixados aos cuidados da terra.

Ainda assim, tentaria.

— Bem, falarei com ele, se ele me ouvir.

— O inusitado da coisa diverti-lo-á. — O tom de Joscelin era novamente frio. — Uma cortesã d'Angeline falando Yeshuíta. Foi-lhe sobremaneira difícil escutá-lo da minha boca.

Eu tenho o dom das línguas, mas não era a isso que ele se referia. Cerrei os olhos contra a dor; de Joscelin, minha, perfurando bem no âmagô e alastrando de infelicidade. Elua, mas como era doce! A dor da carne nada é junto à dor da alma. Mordi a parte de dentro do lábio inferior, tentando que a maré amainasse, horrorizada em alguma parte de mim que pudesse retirar prazer disso. O rosto de Melisande pairou-me turvamente na memória por trás das pálpebras cerradas, sublimemente divertido. Verdadeira descendente da linhagem de Kushiel, tê-lo-ia entendido como ninguém mais.

— Remy descobriu um coche. — Joscelin mudou de assunto. — Enviei-o ao Emile, da antiga equipagem de Hyacinthe. Ainda tem a estrebearia no Umbral da Noite.

— Quanto gastou ele?

Ele encolheu os ombros. — Obteve-o por uma trova, disse ele, mas

³ O líquido que, segundo a mitologia grega, corria nas veias dos deuses. (N. da T.)

está em deplorável estado. Acham que podem repará-lo. O avô de Fortun era artesão de rodas.

Passei a mão pelo cabelo, despenteando a massa de caracóis de zibelina. Não me aprazia este contar de tostões, ainda que fosse necessário. Meu pai fora um gastador, motivo por que eu fui vendida a troco de contrato à Casa Cereus em criança; isso fez-me avessa a dívidas. Ainda assim, não tinha que me aprazer. Joscelin observava-me pelo canto do olho. — Quanto tempo demorará, que lhes parece? Deveria enviar palavra a Ysandre.

— Três dias, porventura. Menos se nada mais tiverem que fazer. — Fez um movimento abrupto, pegando na bandeja do chá. — É tarde. Ver-vos-ei de manhã, minha senhora.

Havia farpas nas suas palavras, nas suas maneiras formais. Suprtei-as em silêncio e vi-o ir, deixando-me só com o prazer sem remorsos da minha dor.

Levaram apenas três dias a pôr de novo o coche em estado apresentável, o bastante para chegar ao Palácio em estilo condizente com a Comtesse de Montrève. Enviei palavra a Ysandre, e obtive resposta por mensageiro real nessa tarde, concedendo audiência no dia seguinte. Ele permaneceu à espera enquanto eu lia, elegante na libré azul dos Courcel, e fez uma vénia graciosa quando lhe disse que transmitisse à Rainha que teria muita honra em comparecer. Havia um laivo de curiosidade nos seus olhos, mas não o deixou transluzir no semblante.

Que corriam histórias a meu respeito, sabia eu muito bem. Thelesis de Mornay incluía o meu relato nos primeiros esboços do Ciclo Ysandrine, o poema épico documentando a tumultuosa ascensão de Ysandre ao trono em plena guerra. Corriam outras histórias, também, passadas de boca em boca. A maioria dos meus patronos eram discretos, mas não todos.

Deixá-lo. Não há vergonha em ser Serva de Naamah, nem *anguissette*. Somos D'Angelines, e reverenciamos tais coisas. As outras nações consideram-nos brandos por isso; os Skaldi descobriram o contrário. Mas, também, é como eu disse — o nosso sangue tornou-se espesso com a mortalidade, e alguém como eu, marcada por mão celestial, era uma raridade.

Não é coisa, devo dizer, de que me orgulhe; cresci na Casa Cereus, onde o cisco escarlata no meu olho me marcou não como eleita de Kushiel, mas meramente como alguém defeituoso para além dos cânones da Corte da Noite. Foi Delaunay quem mudou isso, e me nomeou pelo que eu era. E, na verdade, não tenho qualquer dom especial para

além da transmutação da dor, o que tem sido tanto uma maldição como uma benesse para mim. Se sou dotada no linguajar e na lógica, é porque fui bem ensinada; Alcuin, que era meu companheiro de estudos, era melhor. Foi apenas uma volta do destino que me deixou viva para exercê-los, enquanto ele e Delaunay pereciam. Não se passa um dia que eu não o recorde. Daria tudo o que ganhei para mudar o passado. Dado que não me é possível, faço o melhor que posso, e rogo que isso honre as suas memórias.

Foi estranho receber a mesura da Guarda da Rainha aos portões do Palácio, ser recebida por criados de libré e entrar nos salões com toda uma comitiva no meu encalço. Se Joscelin estava grave, os Rapazes de Phèdre comportaram-se da melhor forma, esforçando-se por aparentar dignidade. Não me inquietava com Fortun, sóbrio por natureza, mas Remy e Ti-Philippe tinham um pendor para travessuras.

Ysandre recebeu-nos no Salão de Jogos, uma vasta sala ornada de colunas onde os fidalgos do Palácio gostavam de reunir-se para jogar e conversar. Avistei-a com duas das suas damas de companhia, detendo-se para observar um renhido jogo de ritmomaquia.⁴ A sua própria Guarda Cassiline, dois Irmãos trajando de cinza, mantinha-se a uma discreta distância. Não eram jovens, nem um nem outro, mas as suas costas direitas desafiavam a idade. Poucas das Grandes Casas seguem já a tradição de mandar os filhos do meio para servir a Cassiel.

— A Comtesse Phèdre nó Delaunay de Montrève! — anunciou em voz alta a nossa escolta.

Viraram-se cabeças, soaram alguns murmúrios. Ysandre de la Courcel veio direita a mim com um sorriso. — Phèdre — disse ela, tomando-me as mãos e dando-me o beijo da saudação. Um prazer genuíno iluminava os seus olhos violeta quando recuou. — Estou verdadeiramente feliz por ver-vos.

— Vossa majestade. — Fiz uma mesura. Ysandre estava na mesma; um pouco mais velha, gasta pelos cuidados do trono, mas com a mesma beleza loura. Éramos praticamente da mesma idade, ela e eu.

— Joscelin Verreuil. — Pousou-lhe as pontas dos dedos no braço quando ele completou a sua profunda vénia. — Confio que tendes mantido a minha quase prima em segurança?

Era zombaria de Ysandre, assim me chamar. Certo é que não havia

⁴ Também conhecido por *Jogo dos Filósofos*: antigo jogo de tabuleiro de grande complexidade, semelhante ao xadrez mas à base de números, e provavelmente com origem em Bizâncio ou Alexandria. (N. da T.)

laços nem de sangue nem de casamento entre nós, mas o meu senhor Delaunay, que me acolhera na sua casa, fora o bem-amado do pai dela, Rolande. Deveras, fora um amor que fora mais longe do que muitos suspeitariam, e Delaunay prestara um juramento em segredo de guardar a vida de Ysandre como sua.

— Protejo e sirvo, vossa majestade. — Joscelin sorriu, calor nas suas palavras e não ironia. O que quer que houvesse entre nós, a sua lealdade para com a Rainha não diminuía.

— Bom. — Ysandre olhou divertida para as cabeças curvadas de Remy, Fortun e Ti-Philippe, que haviam tombado os três sobre um joelho diante dela. — Sede bem aparecidos, chevaliers — disse afectuosamente. — Ainda vos apraz o vosso serviço, ou o mar chama-vos de volta para o meu senhor Almirante Rousse?

Remy abriu-se num sorriso para ela. — Estamos bem contentes, vossa majestade.

— Apraz-me ouvi-lo. — Ysandre olhou de volta para mim. — Vinde, Phèdre, contai-me como tendes passado. Estou certa de que os vossos homens acharão ampla distracção no Salão de Jogos, e eu anseio por saber o que vos trouxe de volta à Cidade de Elua.

Se fora estranho entrar no Palácio como par do reino, mais estranho ainda foi deambular pelo Salão ao lado de Ysandre, os seus guardas Cassilines atrás de nós. Havia sido diferente, após a guerra, quando tudo estava ainda num alvoroço, com filhos de Alba e dalriada por todo o lado, e os meus serviços sendo constantemente clamados como transladora. Esta ordem comedida era como o Palácio da minha mocidade, no qual eu comparecera apenas a mandado dos meus nobres patronos.

— As coisas vão bem, ao que parece — observei para Ysandre.

Ela esboçou um sorriso retorcido. — Assaz bem. Somos menos do que antes, receio eu, mas a nossa aliança com Alba deu-nos nova força. Drustan ficará pesaroso por não vos ter visto.

— E eu a ele. — Houvera uma forte simpatia entre nós, o Cruarch de Alba e eu.

— Chegada a primavera, ele estará de volta. — Havia um ténue laivo de saudade na voz de Ysandre; duvido que fosse evidente para alguém não adestrado a escutar tais coisas. — Dizei-me então, Montrève foi demasiado rústico para vosso gosto?

— Não inteiramente — respondi com honestidade. — É muito aprazível. Mas há um assunto que tenho entre mãos que não posso levar a cabo no isolamento de um solar de província. — Ysandre olhou-me com interesse, e eu falei-lhe da minha pesquisa na doutrina yeshuíta, no

meu sonho de descobrir uma chave para abrir a prisão de Hyacinthe. Não pude deixar de assinalar, enquanto caminhávamos, como todos os olhos no Salão de Jogos seguiam a Rainha, e um zumbido de especulação lhe seguia o rasto. Os fidalgos tudo faziam para se porem no nosso caminho, arredando-se com uma vénia ou mesura; bem podia ver-lhes os intentos nos rostos, tanto de homens como de mulheres.

Ysandre lidava com aquilo com uma graça absorta. — O vosso moço tsingano, sim. Desejo-vos sorte nisso. São um povo estranho, os Yeshuítas. — Abanou a cabeça. — Não tenho a pretensão de entendê-los. Acolhemo-los abertamente em Terre d'Ange, e eles aceitam a nossa hospitalidade com resignação.

— Não há espaço na teologia deles para o Abençoado Elua, minha senhora. Eles não se conformam com a nossa existência, e isso perturba-os.

— Bem. — As sobranceiras louras de Ysandre arquearam-se. — Já tiveram algum tempo para se acostumarem à ideia. Chegastes a alguma decisão no que toca à outra questão? — perguntou então, mudando de assunto. — Ainda estais dedicada a Naamah, a menos que esteja enganada.

— Sim. — Sem pensar, girei um anel que trazia no terceiro dedo da mão direita; pérolas negras, dadas como um presente de patrono pelo Duc de Morhban. Sorri. — Se desnudar a minha marca — disse —, sabereis a minha resposta, minha senhora.

Ysandre riu-se. — Então terei de esperar para ver. — Varreu a mão em torno do Salão. — Eles devem estar a interrogar-se, sabeis. Nada mais têm que fazer.

— Assim ouvi dizer — disse eu com reserva.

— Majestade. — Uma voz de homem falou, profunda e melíflua; pelo canto do olho, vislumbrei um redemoinho de negro e ouro, de padrão intrincado, quando uma figura se levantou de uma cadeira de costas fundas. Fez uma vénia, e endireitou-se, e eu sustive o fôlego. O seu cabelo negro-azulado caía em tranças quais diminutas cadeias, e os olhos do tom das safiras estavam encaستados num rosto perigosamente belo, com pele de marfim. Sorriu, mostrando os dentes brancos, e agitou um baralho de cartas de fantasia. — Haveis-me prometido um jogo de batarde.

Eu conhecia-o; vira-o pela última vez na companhia da prima, que ele traíra.

— Prometi, meu senhor Marmion, mas não disse quando — respondeu Ysandre com ligeireza.

— Fico à espera do dia. — Os seus olhos de um azul profundo pou-

saram no meu rosto. — Minha senhora Phèdre nó Delaunay de Montrève — disse, acariciando o meu nome. Os meus joelhos fizeram-se em água. — Para uma vida tão curta, tendes uma longa história com a Casa Shahrizai.

Juntamente com sua irmã Persia, Marmion Shahrizai traiu a sua prima Melisande, quiçá o acto mais perigoso que qualquer um daquela Casa poderia levar a cabo, entregando-a à guarda do Duc Quincel de Morhban, o Duc soberano da sua província de Kusheth. Vi-os trazerem-na à corte improvisada de Ysandre na fortaleza de Troyes-le-Mont, depois de vencida a batalha. Estive presente na audiência, onde Melisande foi acusada de traição.

Dei o testemunho que a condenou.

— Meu senhor Shahrizai. — Com toda a determinação que pude reunir, fiz uma voz impassível. — A vossa lealdade ao trono fez-vos vicejar.

Ele riu-se, e fez uma vénia. — Como não, tendo ele tão encantadora ocupante? — disse em benefício de Ysandre. — Sua Majestade ganha em sabedoria aos anos que tem, ao reconhecer que a traição de um membro de uma Casa não macula todos os nascidos nela. — Com uma última vénia floreada, virou costas.

Deixei escapar um suspiro trémulo.

— Deveria ter-vos prevenido. — Ysandre lançou-me um olhar compassivo. — Ele tem sido uma grande ajuda, na verdade; pusemos a descoberto vários aliados de Melisande graças a Marmion. Esqueceira-me da vossa... longa história com a sua Casa.

— Aliados. — Esforcei-me por pôr os pensamentos em ordem. — Mas não Melisande?

— Não. — Ysandre abanou a cabeça. — Ela escapuliu-se verdadeiramente terra dentro, Phèdre, que nem uma raposa; e suspeito que estará muito além das fronteiras de Terre d'Ange. Esteja onde estiver, o seu poder aqui acabou-se. Os aliados que tinha, foram executados, e ninguém, julgo eu, seria tolo bastante para nela confiar com a cabeça a prémio. Prometo-vos, nada tendes que recear de Melisande Shahrizai.

Em tempos há muito idos, era eu jovem e ingénua bastante para julgar a tranquilização de uma Rainha a qualquer prova. Agora, limitei-me a sorrir e a agradecer a Ysandre a sua atenção, dominando o medo e olhando para o Salão de Jogos à minha volta, perguntando-me onde estariam os traidores.

Da sua presença, não duvidava eu.

QUATRO



Achave para encontrar o traidor no círculo mais próximo da Rainha estava oculta naquela noite de Troyes-le-Mont. Disso estava eu certa. Melisande Shahrizai eclipsara-se de uma câmara bem guardada numa fortaleza em alto estado de alerta, e alguém a ajudara a fazê-lo. Se eu pudesse descortinar como fora isso feito, teria o início de um trilho por onde seguir.

Foi Fortun, o mais constante dos meus chevaliers, quem teve a ideia de cartografar a rota de fuga de Melisande. — Sabeis onde ela estava presa, minha senhora? — perguntou pensativamente. — No piso térreo, ou no de cima?

Joscelin lançou-me um longo olhar.

— Estava no piso de cima — disse eu.

Melisande mandara-me chamar naquela noite e, feita tola, eu fora, encontrar-me com ela na sua cela de prisão real. O que se passara entre nós não fora digno de nota, salvo que me deixou abalada. Depois disso, retirei-me para o alto das muralhas, desejando estar só com o meu enredado de emoções, aguardando a sua execução de madrugada. Por mais que o merecesse — não houve dúvidas, no fim, de que Melisande Shahrizai conspirara com o comandante de guerra dos Skaldi, Waldemar Selig, para derrubar o trono de Terre d'Ange — eu não suportaria assistir. Ela fora minha patrona, em tempos.

Nunca chegara a acontecer. Em vez disso, o alvorecer encontrou dois guardas mortos à porta da câmara dela, e um terceiro na poterna.

— Então se o corredor ficava aqui... — Ajoelhando junto à mesa baixa na minha sala de estar, Fortun tirou um lírio de longo caule de uma jarra e pousou-o ao comprido em cima da mesa. — A que distância das escadas?

Contei pelos dedos, lembrando-me. — Três portas. Não, quatro. A câmara dela era a primeira porta depois da esquina.

— Aqui, então. — Partiu o caule da flor, dobrando-o em ângulo recto, colocando então um cálice vazio de cordial numa extremidade. — E as escadas, aqui.

— Sim. — Inclinando-me sobre a mesa, estudei a planta. — Assaz fiel.

Do outro lado da sala, Joscelin pôs-se bruscamente de pé. — Phèdre.

— Sim? — Olhei de relance por sobre a mesa.

— Deixa-os fora disto. — A sua expressão era indecifrável. — Se insistes em jogar jogos perigosos, que seja. Não arrastes estes pobres rapazes enfatuados para as tuas intrigas. Não posso proteger-vos a todos.

— Pedi-te que o fizesses? — Senti a ira assomar. — Se te incomoda assim tanto, então vai-te. Lança-te aos pés do Prefeito e implora por perdão. Ou vai dizer a Ysandre que eu te liberto do meu serviço, e pede que te dispense para a servires a ela. Ela está acostumada a ter Cassilines por perto.

Joscelin soltou uma curta risada. — E deixo-te correr perigo com três marinheiros mal preparados a guardarem-te? Pelo menos permite-me que não desonre o derradeiro voto que fiz, Phèdre.

Abri a boca para replicar, mas Fortun pigarreou, intervindo. — Quintilius Rousse não escolhe soldados mal preparados para a sua nau capitania, irmão.

— Não é a mesma coisa. — O aço relampejou dos braços de Joscelin quando ele mudou de posição, frustrado. — Vós sois preparados para travar batalhas, não para proteger e servir. Não é o mesmo de todo.

— Estou a aprender. — A voz de Fortun manteve-se firme.

Os olhares de ambos cruzaram-se, e eu sustive a língua. De que serviria, meter-me entre eles? Joscelin tinha de escolher livremente, ou não escolher de todo. Após um momento, ergueu as mãos com uma interjeição de desagrado.

— Desejo que faças bom proveito deles — disse asperamente para mim, e saiu da sala.

Eu não julgara que ele se fosse. Fiquei a vê-lo ir.

— Ele há-de voltar — disse Fortun calmamente. — É-vos por demais afeiçoado para vos deixar, minha senhora.

— Não estou segura — sussurrei. — Não julguei que ele se fosse de todo.

— Aqui. — Sem olhar para mim, Fortun inclinou-se de volta sobre a mesa, as suas mãos largas movendo objectos. — Se isto é o piso inferior e a poterna fica aqui... — colocou uma jarra a um canto — ...e isto é a passagem... — moveu um cofre de laca — ...haveria guardas aqui e aqui. — Indicou os lugares com o dedo. — Quem quer que haja conduzido Melisande para a poterna teve de passar por estes pontos. O mesmo fizeram outros, sem dúvida, mas ainda assim...

Esfreguei as têmporas a arder, tentando concentrar-me, tentando não pensar em Joscelin. — Eles foram interrogados. Fomos todos interrogados, Fortun. Se algo houvesse aí, acredita em mim, Ysandre teria lá chegado.

— E se não fossem as perguntas certas? — perguntou ele.

— O que queres dizer? — Franzi o cenho para a mesa, recordando-me. Sendo uma das últimas pessoas a ver Melisande viva, fora exaustivamente interrogada. No fim, fui absolvida, mais não fosse porque fora o meu testemunho que a condenara. Ysandre procurava traição, ou evidência de traição. Ninguém interrogado admitiu ver algo desse género. Mas o que *tinham* eles visto? — Tens razão. Havia um guarda na base das escadas, também. E alguém teve de passar por eles todos, para chegar à câmara. Melisande não poderia ter matado aqueles guardas por si própria. Um, quiçá. Seguramente não dois. — Comecei a mudar a disposição das peças sobre a mesa. — Se tivéssemos um rol de quem passou por eles, naquela noite, para comparar com o outro...

— Teríamos um pequeno rol de suspeitos. — Os olhos de Fortun brilhavam. — Minha senhora, isto é algo que nós podemos fazer por vós. Interrogardes vós a Guarda da Rainha pareceria impróprio. Mesmo o meu senhor Joscelin não está em... bons termos, se é que posso dizê-lo, com as tropas. Mas três ex-marinheiros, antigos soldados do Almirante Rousse... nós poderíamos perguntar. A beber, a jogar aos dados; são coisas que nós sabemos, coisas que soltam a língua aos homens. Ele foi adestrado para proteger e servir, e não para travar batalhas. Não é a mesma coisa, de todo.

Parecia tão convencido que me ri, caindo então em mim. — A sério, Fortun, isto é um assunto perigoso. Se alguém suspeitasse o que engendravam vocês, correriam grave perigo.

— Minha senhora, se julgais que algum de nós buscava seguran-

ça ao vosso serviço, estais enganada. — Os seus sobrolhos uniram-se numa carranca escura. — Nós somos marinheiros, afinal de contas, e destinados à aventura. Se vos julgámos uma estrela digna de estabelecer a nossa rota, não apouqueis a nossa decisão.

— Porque o fizeram? — perguntei-lhe. — Porquê eu?

— Vi-vos no campo de batalha de Bryn Gorrydum, carregando água para os feridos e moribundos. E depois, quando nos fizestes cavaleiros. Sei que o Almirante vo-lo pediu. A espada dele era praticamente da vossa altura. — Um canto da sua boca retorceu-se à memória. — Emissária da Rainha. Parecíeis atordoada de todo. Como poderia eu escolher de outra forma?

Suspirei e amarfanhei o cabelo. — Muito bem, então. Descobri o que puderdes. Mas jamais... — cutuquei-lhe o peito para enfatizar — ...jamais deixeis que eles suspeitem que sois mais que simples chevaliers, ansiosos por reviver os vossos momentos de glória e sondar os mistérios da fidalguia.

— Não vos inquieteis. Eu tenho um nome afortunado, minha senhora. — Fortun sorriu. — Minha mãe assim o asseverou no meu dia de patrono.

Cinco



Joscelin retornou deveras, tarde nessa noite; eu não lhe fiz perguntas, e ele não ofereceu explicações. Saudámo-nos de manhã, cortesês como dois estranhos. Ele levou a cabo os seus exercícios no jardim resguardado das traseiras, fluindo graciosamente através das formas Cassilines, as lâminas de aço serpenteando, o seu bafo congelando no ar fresco. Observei-o, e o coração confrangeu-se-me no peito.

Que dor mais estranha, mais constringedora; causar dano a um ser amado.

Uma coisa mais fiz eu, quando a isso constringida: fugi.

Falando como deve ser, rebelei-me. Costumava fazê-lo na Casa Cereus, e fazia-o em casa de Delaunay. Embora deva dizer, se é que me é dado fazê-lo, que havia mais nisso do que simples rebelião. Era um jogo, com o meu senhor Delaunay; se eu fosse bem-sucedida nele, não haveria repercussões.

Não era criança nenhuma, agora, para fugir para o Umbral da Noite e para o conforto das cabriolas de Hyacinthe. Ainda assim, foi um consolo deslizar despercebida por sob os olhos dos meus bem-intencionados guardas, ir à cavalaria e convencer o simplório moço, Benoit, a selar-me um cavalo. Conduzi a montada cautelosamente para a rua, onde Benoit atenciosamente trancou o portão atrás de mim.

Uma vez sentada à garupa, estava livre.

Cavalguei para longe do Palácio, com um canto de exultação nas

veias, com dificuldade em lembrar-me da última vez em que estivera verdadeiramente por minha conta. É singular, como o facto de se ter serviçais nos tolhe a liberdade. Sem as inquietações deles em que pensar, apenas tinha as minhas. Dirigi-me em direcção ao rio, e segui-o até à praça do mercado onde os pregões anunciavam as mercadorias.

Foram as pombas que me deram a ideia, dúzias e dúzias delas, oferendas engaioladas encostadas umas às outras contra o frio. Escolhendo a mais pequena por dó, paguei uma gaiola dourada.

— A minha senhora tem bom olho — disse o vendedor obsequiosamente, transferindo a ave. — Esta, é pequena, mas tem ganas de sobreviver.

— Que Elua vos ouça, e conceda que assim seja. — Sorri, inclinando-me da minha montada para pegar na gaiola. O cavalo castrado resfolegou e arremessou a cabeça para trás. — Esta é para Naamah.

O vendedor executou uma vénia elaborada, sorrindo-me de través. A minha pomba bateu com as asas contra as grades douradas e o cavalo assustou-se, as ferraduras dos cascos ressoando no pavimento empedrado; as pessoas aclamaram quando me agucei na sela. Fui uma cavaleira medonha, em tempos. Isso foi antes de fugir da herdade de Waldemar Selig na garupa do meu pónei, através do mais lúgubre inverno. Passei um bom tempo montada, desde então. Estranho, olhar para trás e ver como foi adquirida a minha perícia; na altura, apenas pensava em permanecer viva.

Com a cabeça erguida a despeito do frio cortante, cavalguei pelas ruas até ao Templo de Naamah. Se as pessoas me chamavam e saudavam ao longo do caminho, não era por eu ser a Comtesse de Montrève ou Phèdre nó Delaunay — não podiam ver, da rua, o meu olhar revelador — mas apenas porque eu era nova, e bela, e cavalgava sem cuidados, transportando uma pomba para Naamah.

O Grande Templo de Naamah na Cidade é um pequeno edifício, mas com uma profusão de jardins; mesmo então, com o bafo do inverno no ar, era uma fonte de calor e viço. Dei a minha montada a um moço de estrebaria que veio ao meu encontro de olhos baixos, e dirigi-me só para o templo, carregando a gaiola. Um acólito veio receber-me à porta.

— Bem-vinda — disse ele, inclinando-se na sua sobrepeliz escarlata para me dar o beijo da saudação. Os seus lábios eram macios, e soube, de certa forma, que estava em casa. Ele olhou-me com os seus olhos da cor do tremoceiro lavado pela chuva, olhos que estudavam os meus. — Sê bem-vinda, *anguissette*, prestar honras a Naamah.

Tomei-lhe o braço com uma mão, carregando a gaiola dourada na

outra, e entrei no Templo de Naamah. Percorremos a longa nave, até à vasta estátua que nos aguardava lá no fim: Naamah, os braços abertos numa saudação e amplexo. Ali, sob o óculo, aguardámos o sacerdote.

Sacerdotisa, era ela; reconheci-a quando assomou, acompanhada de acólitos. Longo cabelo cor de damasco, e olhos verdes rasgados como os de um gato; ela própria fora acólita, quando eu fui dedicada. O sacerdote que me dedicara morrera da febre durante o Mais Amargo Inverno, tal como tantos outros. — Sê bem-vinda, irmã — disse numa voz murmurada que ressoou todavia por todos os cantos do templo, e beijou-me em saudação. Agarrei-lhe o cotovelo com a mão livre, firmando-me; fora um longo tempo, e a presença dos Servos de Naamah era coisa inebriante. — Desejas tornar a dedicar-te?

— Sim — sussurrei, com a gaiola suspensa da mão. — Podeis dizer-me se é desejo de Naamah que eu o faça?

— Ah. — A sacerdotisa levou os dedos ao decote da sua veste escarlate e voltou-se para erguer os olhos para o rosto de Naamah, acolhedor e benevolente acima de nós. — Só na Cidade, há muitas centenas de Servos de Naamah — disse suavemente. — Três centos pelo menos nas Treze Casas da Corte da Noite, e por cada um que serve a esse nível outros há que aspiram a menores alturas. Em Namarre, contam-se aos milhares. Não há povoado da nação, ousou dizer, que não tenha um ou dois chamados ao Serviço de Naamah. Ficarias admirada de saber quantos são os que fazem essa pergunta. É vontade de Naamah que eu a sirva? A cada um, dou a mesma resposta: é a tua vontade que importa. Não menos que quaisquer outros, os Servos de Naamah cumprem o que o Abençoado Elua estipulou. *Ama à tua vontade*. O caminho de Naamah é sagrado para nós, pois ela escolheu por sua livre vontade ganhar a liberdade e sustento do Abençoado Elua com os dotes do seu corpo. Foi sua escolha, e ela não compele os seus Servos a segui-la. — Dito isto, voltou-se para me lançar um longo olhar avaliador. — Para ti, respondo de modo diferente.

Os seus acólitos murmuraram, acercando-se para escutarem. Eu pousei a gaiola e esperei. A sacerdotisa sorriu e estendeu a mão para me tocar o rosto, delineando-me o rebordo exterior do olho esquerdo.

— “Poderoso Kushiel, de vara e chicote/O último dos brônzeos portais/C’um dardo ensanguentado um insarável golpe/Marca nos olhos dos eleitos mortais” — declarou, citando os precisos versos com os quais Delaunay identificara a minha natureza. — Não posso cartografar a tua rota, *anguissette*; o teu chamamento jaz além do alcance de Naamah apenas. És uma eleita de Kushiel, e ele te arremessará onde for

da sua vontade. Só Elua, a quem até os Companheiros seguem, a conhecerá toda. Mas és também Serva de Naamah, e sua protegida, e quanto a isso posso falar. Perguntas, é desejo de Naamah que a sirvas? Eu digo: sim. — Aconchegando a túnica à sua volta, a sacerdotisa olhou no vazio à distância. — Dezenas de milhares de Servos de Naamah — cismou em voz alta —, todos seguindo um chamamento sagrado. E contudo a nossa estatura diminui através da nação. Meretrizes, catamitos, rameiras... Tenho ouvido estas palavras, proferidas com aspereza. Não por todos, mas bastantes. Demasiados.

Era verdade, pois eu o havia ouvido eu própria. Tais palavras não existiam na nossa língua quando Elua e os seus Companheiros pisavam a terra, e tanto pares do reino como gente do povo se deleitavam no Serviço de Naamah. Era diferente, agora, e os costumes de Terre d'Ange estavam maculados pelos de outras nações. Eu não escolhera uma via fácil.

— Quanto tempo passou desde que um governante entronizado convocou um Cortesão-Mor da Casa Cereus para buscar conselho? — Os penetrantes olhos verdes da sacerdotisa avaliaram os meus pensamentos. — Quatro gerações ou mais, julgo eu. Demasiado tempo. Não me cabe a mim restaurar a glória da Corte das Flores da Noite, mas a glória de Naamah... sim. Sei quem tu és, Phèdre nó Delaunay. — Sorrii, inesperadamente. — Comtesse de Montrève. A tua história é conhecida, e é contada, um fio *sangoire* profundamente entretecido na tapeçaria da guerra e da traição que quase rompeu a nossa nação. Por tua causa, os Descendentes de Elua e seus Companheiros retornaram às Casas da Corte da Noite, fazendo disso uma moda, deitando mão a uma glória fanada com descuidado ardor. Mas tu és um par do reino, agora. Será vontade de Naamah que a sua presença penetre as paredes do Palácio para brilhar uma vez mais no coração de Terre d'Ange? A ti te digo, sim.

Eu cruzei os olhos com os dela e sustive-os. — Política.

O seu sorriso intensificou-se. — Naamah não quer saber de política, nem de poder. De glória, sim. O que diz o teu coração, irmã?

Estremeci, e tive de desviar os olhos. — O meu coração está dividido — murmurei.

Ela tocou-me de novo o rosto, gentilmente. — O que diz Kushiel?

Desta vez queimou, o toque dela, escaldando-me o sangue e fazendo-o assomar numa onda cálida. Sacerdotes e sacerdotisas, têm esta maldita certeza nos seus modos. Desejei virar a face contra a palma da mão dela, saborear o sal da sua pele. — A vontade de Kushiel está de acordo com a de Naamah.

— Então a tua pergunta está respondida. — A sacerdotisa arredou a mão, calma e imperturbável; eu quase tombei de desejo contra ela, mas mantive-me firme. — E eu farei a minha de novo. É teu desejo tornares a ser dedicada ao Serviço de Naamah?

— Sim. — Disse-o determinadamente desta vez, e baixei-me para abrir a gaiola. Tomei a pomba trémula nas mãos e endireitei-me. — É sim.

Os acólitos tropeçaram uns nos outros na confusão, e então um carregando uma bacia de água adiantou-se para oferecer o hissope à sacerdotisa. Eu quedei-me em pé, o coração disparado da pomba batendo-me contra as palmas das mãos, enquanto ela me aspergia com uma quantas gotas de água. — Pelo sagrado rio de Naamah, baptizo-te ao seu serviço. — Assim me postara eu, pouco maior que uma criança, enquanto Delaunay e Alcuin aguardavam orgulhosamente atrás de mim. Ninguém me aguardava agora. Abri obedientemente a boca para a porção de bolo de mel, o gole de vinho. Doçura e desejo. Elua, como eu ansiava por isso! E o crisma por fim, óleo na minha fronte, pela graça. Quando era criança, não tinha noção do que aquilo significava; agora, roguei para que pudesse encontrá-la no Serviço de Naamah.

Estava feito, e a sacerdotisa e seus acólitos arredaram-se para o lado. Ajoelhei perante o altar, a estátua de Naamah, sustendo a pomba nas mãos fechadas à minha frente. Opacos, aqueles olhos esculpidos; descobrimos ao seu serviço o que lhe trazemos. — Minha senhora, sede bondosa para com a vossa Serva — sussurrei, e libertei a pomba.

Não olhei, desta vez, quando ela se lançou em liberdade das minhas mãos e voou na direcção do óculo. A sacerdotisa e seus acólitos fizeram-no, seguindo-a sorridentes. Eu não tive necessidade de olhar para saber que a minha pomba encontrara o seu caminho. Com a cabeça curvada, permaneci de joelhos até que senti as mãos da sacerdotisa nos meus ombros, rogando-me que me levantasse.

— Bem-vinda de volta — disse ela e beijou-me; senti a ponta da sua língua dardejar-me por entre os lábios e tive de me refrear para não lhe agarrar nos pulsos quando ela me libertou. Os sacerdotes de Naamah não são exactamente como quaisquer outros. Os seus largos olhos verdes brilhavam à luz oblíqua do templo, sábios e sabedores. — Bem-vinda de volta, Serva de Naamah.

E assim ficou feito, e eu tropecei por duas vezes ao deixar o templo, apoiando-me com força no braço do acólito que me recebera. Uma represa pode aguentar-se durante uma centena de anos, mas assim que se instala nela uma fenda a água corre tumultuosa. Assim me senti eu,

havendo represado a força terrível dos meus desejos por mais de um ano. A represa estalara quando abriu a encomenda de Melisande e descobrira a minha capa *sangoire*; a torrente não tardou muito mais.

Não quero dizer, se é que posso dizê-lo, que amasse menos Joscelin, nem que o desejasse menos por isso. Desde o princípio, mesmo quando o desprezava, achava-o belo. E para aqueles que consideram um Cassiline, sem instrução nas artes do amor, uma má aliança para uma cortesã adestrada, devo dizer que estão enganados. Quando a elas se rendeu — e assim fez —, Joscelin trouxe para o nosso leito um desejo integralmente inculto, mas tão puro e tomado de assombro como os primeiros erros de Elua em solo mortal. Esse é um tesouro que ninguém mais me deu, nem poderia fazer. O que eu lhe ensinei, ele aprendeu-o como se fosse o primeiro a descobri-lo, ávido e natural como uma criatura recém-criada.

Foi quanto bastou, por algum tempo.

Não mais.

E assim foi que cavalguei para casa, dividida entre a exaltação e a culpa. O crepúsculo caía quando cheguei, e, pelo olhar baixo do moço de estrebaria Benoit, percebi que fora castigado por me permitir sair sozinha.

— Benoit — disse, fazendo-o erguer a cabeça com um gesto —, *eu sou a dona desta casa.*

— Sim, minha senhora — resmungou ele, tomando-me as rédeas. Não podia censurá-lo por isso; não sentisse eu o mesmo, não teria visto na minha escapada um escape.

Todavia, disse-lhe firmemente, — Nadas fazes de mal ao obedecer aos meus desejos. Assim lhes direi.

Ele balbuciou mais qualquer coisa, apressando-se na direcção da cavalaria e conduzindo o meu cavalo a trote. De queixo erguido, entrei majestosamente em casa.

Estavam lá todos, à espera. A criada de dia esboçou-me uma mesura à pressa e deitou a fugir. Remy e Ti-Philippe não me olharam nos olhos; Fortun fitou-me inexpressivamente. Em segundo plano, a minha cozinheira Eugènie aguardava ansiosamente.

E Joscelin adiantou-se para me agarrar pelos ombros. — Phèdre! — O meu nome irrompeu-lhe dos lábios, áspero de ansiedade; abanou-me ligeiramente. — Abençoado Elua, onde pelos sete infernos estiveste tu?

Os seus dedos enterraram-se-me na carne e fechei os olhos. — Fui sair.

— *Sair?* — As linhas brancas de raiva assomavam-lhe no rosto, tão próximo do meu. As suas mãos firmaram-se com força. — Sua idiota,

um de nós deveria ter ido contigo! Fosse o que fosse, *não* há razão para que saias sem escolta, entendes? Sejam quem forem os aliados de Melisande, sabem muitíssimo bem quem tu és! — Pontuou as suas palavras de fortes abanões. — Nunca, jamais, saias desacompanhada, promettes-me? Que diabo te deu...?

Duras, as mãos dele nos meus ombros; a minha cabeça abanou com a força da sua fúria enquanto me sacudia. Ah, Elua, como era doce! A violência daquilo era centelha para o meu pavio.

Fosse o que fosse que transluzia no meu rosto, Joscelin viu-o; as suas mãos tombaram. — Abençoado... — sussurrou desgostado, afastando-se de mim, a voz faltando-lhe. Quando falou, foi sem me olhar. — Não tornes a fazê-lo.

— Joscelin. — Esperei que ele se virasse. — Sabias o que eu era.

— Sim. — A sua voz soou breve. — E tu o que eu era. Onde é que isso nos leva, Phèdre?

Não tinha resposta, de modo que não dei nenhuma, e ele foi-se então. Remy deixou escapar o fôlego longamente sustido e levou os dedos à adaga no seu cinto.

— Minha senhora, se ele vos fizer mal, Cassiline ou não...

— Deixa-o em paz — interrompi-o. — Ele está a sofrer, e é obra minha. Deixa-o em paz.

— Não. — Foi Fortun quem falou, vagaroso e pensativo. — É obra de Cassiel, minha senhora. E mesmo vós nada podeis fazer quanto a isso.

— Porventura. — Pressionei as bases das palmas das mãos contra os olhos. — Mas eu escolhi o meu caminho, e é Joscelin quem paga por isso.

— Que estupidez falar em culpa quando estão envolvidas as vontades dos imortais. — Ti-Philippe, irreprimível como sempre, pescou um par de dados da bolsa e lançou-os ao ar, abrindo-se num sorriso. — Deixar ferver o Cassiline, minha senhora; dizem que isso os faz vicejar. Fortun diz que temos perguntas a fazer, e caça a perseguir!

— Sim. — Deixei cair as mãos e fitei os seus rostos abertos e ansiosos, enchendo-me de determinação. — Pois temos. E eu tenho de planear o meu debute.

SEI8



No fim, a decisão foi tomada por mim. Há padrões que emergem na vida de uma pessoa, descrevendo um ciclo e retornando de novo, uma infundável variação do mesmo tema. Assim dizem os músicos que são compostas as maiores sonatas; se é ou não verdade, não sei, mas, por certo, tenho-o visto emergir na tapeçaria da minha vida.

Recebi um convite para a Folia do Solstício de Inverno no Palácio.

A primeira a que comparecera fora quando criança de nem dez anos ainda, na Casa Cereus. Foi ali que eu vi pela primeira vez Baudoin de Trealion, Príncipe de Sangue. Ele já está morto, executado por traição, assim como sua mãe Lyonette, que era irmã do Rei Ganelon e apelidada de Leoa de Azzalle. Eu costumava espiá-la para Delaunay; havia uma Marquise entre os meus patronos que respondia à Leoa de Azzalle. Mas não foi Delaunay quem derrubou a Casa Trealion. Isso foi obra de Melisande, de Melisande e Isidore d'Aiglemort. Nenhum de nós adivinhava, então, porque faria Melisande tal coisa; Baudoin comia da palma da sua mão, ou quase. Deu-lhe as próprias cartas que o condenaram, correspondência entre sua mãe e Foclaidha de Alba, conspirando para usurpar o trono de Terre d'Ange.

Sei-o, agora; todos o sabem. Melisande sabia que Baudoin jamais teria desafiado abertamente a mãe por sua causa, e tinha um alvo maior em mente. Terre d'Ange e a Skaldia unidas, um império como não se via desde os tempos da governação de Tiberium. D'Aiglemort

era apenas um peão, embora não o soubesse até ao fim. Sei-o, fui eu quem lho disse.

Assim fora a primeira Folia do Solstício de Inverno. E a minha última... a minha última fora o derradeiro encontro a que comparecera como a *anguisette* de Delaunay, e a única vez que Melisande Shahrizai jamais me contratara como patrona exclusiva. Ganhei a minha marca, nessa Noite Mais Longa, com o presente de patrono que ela me deu. Foi a única vez, num cento de encontros, em que eu jamais dei o *signale*, a palavra de código de rendição que obriga a que um patrono se detenha. Dei-a duas vezes nessa noite, e da segunda por nenhuma razão que não Melisande me ordenar que a proferisse.

Pois muito bem, esta é a minha história com a Folia do Solstício de Inverno. Quando chegou o convite de Ysandre, tomei-o por um sinal — e foi assim que dei comigo franzindo o cenho diante do meu guarda-roupa.

— Não tenho nada que vestir. — Irritada, fechei de repelão as portas do roupeiro e sentei-me com uma birra na cama. Gemma, a criada de dia, pousou o espanador de penas e arregalou os olhos para mim; pelos seus padrões, eu tinha vestidos com fartura.

— Minha senhora — disse timidamente. — E então o de veludo cinza? É um encanto, e eu... eu tenho um irmão que é aprendiz de um artesão de máscaras, poderia fazer algo a condizer; um diadema de estrelas, quiçá, ou uma grinalda de flores...

— Não. — Dispensei a sugestão dela, embora com amabilidade. — Obrigada, Gemma. Se fosse a outro sítio que não o Palácio, serviria perfeitamente, e és gentil em oferecer. Não, preciso de outra coisa. Se vou fazer o debute como Serva de Naamah entre os meus pares, deve ser algo que ninguém jamais tenha visto. — Com o queixo nas mãos, cisme. — Cecilie está certa. Preciso de uma costureira. — Gemma correu a buscar papel — fora lesta a discernir os meus costumes — e eu escrevi uma breve nota.

Como antiga adepta da Casa Cereus e uma das maiores cortesãs do seu tempo, o estatuto de Cecilie Laveau-Perrin não havia diminuído na Corte da Noite, pois, um dia mais tarde, tinha hora marcada com Favrielle nó Rosa Amarela, e se julguei que a minha própria posição tinha alguma coisa que ver com isso, disso fui desenganada minutos depois de conhecer a minha potencial costureira.

Todas as Treze Casas clamam diferentes dotes; tal como todas as Treze defendem diferentes versões de Naamah. A Rosa Amarela é a Casa dos artistas, e os seus adeptos são exímios numa dúzia de discipli-

nas: actores, poetas, artistas, músicos, bailarinos e acrobatas. E, ao que parecia, criadores de vestuário. Mesmo assim, todos os adeptos têm de fazer as suas marcas antes de se dedicarem às suas actividades artísticas, e confundiu-me como é que uma jovem criadora de vestuário se torna famosa ainda sob a égide da sua Casa.

Não por muito tempo.

— Comtesse — saudou-me brevemente Favrielle nó Rosa Amarella, avaliando-me com um olhar retorcido. — Estais ciente de que escolheste a pior altura possível para solicitar os meus serviços? Tenho duas dúzias de adeptos a bradar por trajes de fantasia, e isto é mesmo em cima da hora.

Admirada, pestanejei. Ela não era mais velha do que eu; mais nova, porventura, um ano ou dois. Grandes olhos cinza e um emaranhado de caracóis vermelho-dourados, um sedutor borriço de sardas na cana do nariz — há um limite, nos cânones, para a quantidade admitida em termos de beleza. Favrielle enquadrava-se nele. O que não se enquadrava era a cicatriz que lhe desfigurava o lábio superior, retorcendo-o ligeiramente.

Ela viu eu dar por isso. — Vamos esclarecer desde já isto? Sou mercadoria defeituosa, Comtesse — disse numa voz carregada de ironia. — Inapropriada para patronos, e com uma marca a completar todavia. O que me compele a aceitar encomendas, quando a minha Cortesã-Mor o permite. E, pese embora a inconveniência, não posso deixar passar o ensejo. Fazemos então barganha?

— Como foi que aconteceu?

Favrielle suspirou. — Escorreguei no banho — recitou enfaticamente —, e abri o lábio. — Olhando de relance para um bilhete, ergueu as sobranceiras. — A folia do Palácio, sim? É para isso que me quereis?

— Favrielle. — Toquei-lhe no braço. — Eu entendo, um pouco. Cresci na Casa Cereus, defeituosa, inapropriada para servir.

— E agora sois eleita de Kushiel, Comtesse de Montrève, portadora do exército de Alba, heroína da Batalha de Troyes-le-Mont e a cortesã de estimação da Rainha. — O seu lábio desfigurado retorceu-se. — Sim, Phèdre nó Delaunay, bem sei. E quando me puderdes transformar na mesma coisa, deixai-me saber. Até lá, dizai-me o que quereis levar vestido.

Picada, ergui o queixo e dei a minha resposta com frieza. — Algo adequado ao primeiro par do reino numa centena de anos a debutar como Serva de Naamah na Folia do Solstício de Inverno.

— Muito bem. — Favrielle cruzou os braços. — Despi-vos.

Tinha-se passado, descobri eu, um tempo surpreendentemente longo desde que me sujeitara ao olhar crítico de um adepto da Corte da Noite. Fiquei nua na sala de provas da Rosa Amarela, rodeada de espelhos enquanto Favrielle andava à minha volta, os olhos cinza semicerrados, medindo-me aqui e ali com um toque impessoal, passando-me peças de tecidos variados pelos ombros para ver como caíam.

— Podíeis ser mais alta — disse, rabugenta; não havia muito mais para ela criticar. Podia ter estado ausente do Serviço de Naamah por um ano ou mais, mas não me desleixara. — Melhora a figura. Pelo menos sois bem-proporcionada. — Satisfeita, assentiu polidamente. — Envergai as vossas roupas e dir-vos-ei o que penso.

Obedientemente, vesti-me e guardei na sala de modelagem. Uma ruborizada aprendiz trouxe-me chá de menta, servindo-o graciosamente. Favrielle assomou ao meu encontro, sorvendo um incerimonioso gole de chá.

— Os trajes serão adornados esta estação — disse ela abruptamente. — Pesados brocados, várias saias, rendas e debruns, mangas triplamente recortadas, máscaras com um braço de largura. A prosperidade do fim da guerra e por aí fora. Se procurasse exceder-me convosco no que já iniciei para outros, ter-vos-ia tão atulhada de tecido que mal lograríeis mexer-vos. Pois bem. — A chávena tilintou na bandeja quando ela a pousou e estendeu a mão para uma peça de tecido. — Quereis destacar-vos, *anguisette*? Tomamos o caminho oposto. Simplicidade.

Passei os dedos pelo tecido; uma malha de seda de tão fina fiação que escorria como água por entre eles. — E qual o tema?

— Conheceis o Conto de Mara? — Favrielle ergueu as sobrancelhas interrogadoramente. Abanei a cabeça, e ela emitiu um som de desprezo. — Eleita de Kushiel, e ignorante como um porco. Livia... — voltou-se para a aprendiz — ...corre à livraria e traz-me a *História de Namarre*, de Sarea. A versão ilustrada.

Abri e fechei a boca, decidindo que a discrição era a parte mais sábia da couture. Ignorante como um porco! Falava cinco línguas com aceitável fluência, e decifrara o mistério do Senhor do Estreito. Mas era verdade que a Casa Rosa Amarela era um repositório de mais conhecimento e instrução do que as academias de Siovale, e grande parte dele desconhecido fora dos seus limites.

— Aqui. — Favrielle abriu o livro encadernado a coiro e apontou para uma luminosa ilustração; uma mulher esbelta de cabelo escuro num vestido carmesim fluido qual chama. Tinha o cabelo apanhado ao

alto numa elaborada coifa de pequenos anéis, e um véu escuro e diáfano ocultava-lhe os olhos. — “No quinto ano de Elua, Naamah deitou-se com um homem condenado por homicídio” — leu ela em voz alta —, e a sua pele era branca e os seus olhos negros como carvão. E ele foi suspenso pelo pescoço até à morte, mas Naamah ficara-lhe com a semente dentro dela, e estava de esperanças. A Naamah nasceu uma filha no sexto ano de Elua na Terre d’Ange de então, e a essa filha chamou ela Mara. E Mara carregava a maldição do sangue de seu pai, e andava de olhos velados. Como expiação pela maldição que carregava, foi até Kushiel, e por piedade ele concedeu-lhe penitência e fez dela sua escrava.” — Por sobre o meu débil som de protesto, Favrielle fechou o livro. — Vedes?

Via. — Pensais que ela era uma *anguissette*.

— É uma história plausível. — Favrielle encolheu os ombros. — Não devemos contá-la — admitiu com relutância. — Pedintes, príncipes e pastores são todos igualmente bons, mas a Corte da Noite não gosta que se saiba que Naamah se deitou com um homicida. Ainda assim. — Mordendo o nó de um dedo, olhou para mim. — Alguns conhecem-na. Pensei que a conheceríeis também. Daríeis uma boa Mara.

Era verdade; mais que verdade, era brilhante. Avaliei o volume fechado. — Haverá alguma possibilidade de eu vir a ter uma cópia disso?

— Não. — A resposta de Favrielle foi concisa. — Estais interessada no *livro*?

— “O fruto do futuro está enraizado no solo da História” — disse eu em imaculado caerdicci, citando o historiador Calpurnius; a expressão de surpresa no rosto de Favrielle foi profundamente gratificante. — Deixai para lá. Falarei à Cortesã-Mor. Dizei-me qual a vossa ideia para o meu traje.

Inspirando fundo, ela assim fez, esboçando-o em linhas breves e elegantes num pedaço de papel grosseiro. Era deslumbrante, e era perfeito. Desejei que assim não fosse, pois não gostava sobremaneira dela, mas, uma vez visto, não poderia esquecê-lo.

— Teremos de deixar uma costura aberta, aqui... — indicou ela — ...e cosê-la bem justa com o vestido posto. Se a vossa criada se ajeitar, poderá ela fazê-lo. É a única forma, com as costas tão cavadas. Mas, com a vossa marca, seria um crime não o fazer. — Favrielle bateu distraidamente com o estilete nos dentes e lançou-me um olhar céptico. — Esperaria ver-vos marcada de cabo a rabo, pelas histórias que tenho ouvido, mas tendes uma pele imaculada.

— Saro muito bem — disse eu brevemente; é a única bênção de se

ser uma *anguisette*. Os eleitos de Kushiel não durariam muito se assim não fosse. — Qual seria o custo?

— Quinhentos ducados. — As palavras dela soaram abruptas.

É um tributo, penso eu, ao meu autodomínio, o facto de não haver mais que pestanejado. Era uma quantia ultrajante. Era igualmente uma quantia que eu não possuía. — Perdão? Julguei ouvir-vos dizer quinhentos ducados.

— O tecido terá de ser tingido por encomenda. É um trabalho de última hora. — Encolheu os ombros. — Recuperá-lo-eis numa noite, se é que verdadeiramente tendes o intento de entrar ao Serviço de Naamah, Comtesse. E eu tenho a minha marca em que pensar. O que eu faço para a Casa é considerado meu sustento. A Cortesã-Mor autorizou-me a aceitar a vossa encomenda. Não me posso dar ao luxo de cobrar menos.

— Se o traje fizer sucesso, tereis patronos das Grandes Casas de Terra d'Ange a bater aos portões da Casa Rosa Amarela solicitando os vossos serviços — observei. — E a vossa Cortesã-Mor não lhes recusará entrada. Trezentos, não mais.

— O modelo é perfeito — disse Favrielle enfaticamente. — Se fará sucesso ou não depende inteiramente da vossa fortaleza, e eu mais depressa faria fé no meu cofre. Quatrocentos.

— Se encontrardes outra *anguisette* cuja fortaleza vos apraza mais, estaria interessada em saber. Trezentos e cinquenta. — Também não os tinha, mas arranjará maneira.

— Feito. — A jovem costureira esboçou um débil sorriso. Aqueles ali não regateiam tanto como os da Casa Briónia, que conhecem bem o poder erótico que o dinheiro detém, mas coisa que não são na Rosa Amarela é deselegantes. Nenhuma das Treze Casas o é. — Mandarei chamar o Chanceler para redigir o contrato. Livia, traz-me os meus pigmentos, tenho de igualar a cor da vossa marca, Comtesse.

Passámos algum tempo a concluir a barganha. Esperava que Favrielle se tornasse mais calorosa para comigo assim que firmássemos acordo, pois sentia uma simpatia relutante para com ela e desgostava-me tal animosidade da parte de alguém da minha idade, mas os seus modos permaneceram inalterados.

Seria um traje estrondoso.

Fui ao encontro de Remy que me esperava na sala de estar exterior. Um rapaz com cabelo cor de bronze trajando o verde e branco da Casa Rosa Amarela apoiava-se sobre o joelho, olhando boquiaberto enquanto Remy lhe mostrava o truque de fazer rolar uma moeda de cobre sobre os nós dos dedos.

— Minha senhora — saudou-me o meu chevalier, fazendo a moeda desaparecer, e aparentemente tirando-a do cabelo do rapaz. — Toma — disse ao moço. — Fica com ela, e pratica.

O rapaz soltou uma risadinha; lançando-se para diante, plantou um beijo nos lábios de Remy, depois afastou-se deslizando, saltando para fora do seu alcance e executando uma cabriola de pura jovialidade.

Remy ficou a olhar para ele com um ar interrogador. — Verdadeiramente, éreis assim como criança da Corte da Noite, minha senhora?

— Não. — Abanei a cabeça. — Teria sido considerado atrevido, na Casa Cereus. — A Cereus de Floração Nocturna orgulha-se de oferecer beleza da mais efêmera natureza; ensinaram-me a delicadeza de conduta, lá. — O meu senhor Delaunay fez-me aprender acrobacia, no entanto — acrescentei —, e Hyacinthe ensinou-me algum jogo de mãos.

— Sabeis fazer cabriolas? — Remy fez a pergunta muito sério, olhando-me pelo canto do olho com um ligeiríssimo laivo de divertimento.

— E forçar fechaduras. — Ouso dizer que ele não acreditou em mim; deu-me vontade de rir. — Anda. Tenho de ir ver o meu feitor, ver se me avança algum dinheiro. Acabei de assinar um contrato que não posso pagar, chevalier, e tenho de fazer alguma coisa para remediá-lo.

O meu feitor na Cidade de Elua era um homem chamado Jacques Brenin. Eu fora-lhe recomendada por nada menos que o próprio Chanceler do Erário, e a sua reputação era sem mácula. Infelizmente, o mesmo rigor que fazia dele um agente de honestidade irrepreensível deixava-o relutante em fazer-me o empréstimo que eu solicitava.

— Minha senhora — disse ele, pigarreando —, apenas posso avançar fundos assegurados em espécie. Não posso embarcar em especulações face ao vosso... provável rendimento... como Serva de Naamah, assim como não posso fazê-lo face à tosquia da próxima primavera. Certamente há feitores que o fazem, mas digo-vos, não vo-lo aconselho. Se desejais hipotecar uma porção da propriedade de Montrève como penhor, ou a casa na Cidade...

— Não — disse eu firmemente. — Não farei barganhas com a herança do meu senhor Delaunay, nem com o telhado que abriga os meus serviços. Em consciência, não posso fazer tal coisa.

Jacques Brenin abriu as mãos num gesto de impotência. — Se não estais disposta a correr esses riscos...

— Messire Brenin — interrompi-o eu. — Eu ofereço mercadoria em espécie. — Lenta e deliberadamente, levantei-me da cadeira e comecei a desaperpear o corpete. Ele humedeceu os lábios com a ponta da

língua e fitou-me enquanto eu fazia deslizar as mangas pelos ombros abaixo e deixava o vestido cair-me até às ancas, virando-me enquanto o fazia.

Bem vira, nos espelhos da Casa Rosa Amarela; não tinha necessidade de ver para saber como a minha pele desnuda brilhava à luz difusa do candeeiro do escritório do meu feitor. E elevando-se das covinhas na bacia até ao remate na nuca via-se a minha marca, o desenho ousado e intrincado gravado a negro com acentos escarlates. Fora feita pelo Mestre Robert Tielhard, o maior marquista do seu tempo.

O meu feitor engoliu audivelmente em seco. Sem pressa, tornei a vestir o vestido e apertei o corpete. Quando me virei, o seu rosto estava pálido. — Ofereceis os vossos serviços como penhor caso venhais a faltar ao pagamento. — Manteve a voz serena com louvável esforço.

— Ofereço. — Sorri. — Mas não me parece que venha a faltar ao pagamento.

— Nem a mim — resmungou Jacques Brenin, escrevinhando um recibo. Passando a língua novamente pelos lábios, estendeu-mo. — Levai isto à minha tesoureira, ela vos avançará os fundos. Reembolso no prazo de sessenta dias a uma taxa de doze por cento. E que Elua ajude os vossos patronos.

Ri-me. — Obrigada, Messire Brenin.

— Não me agradeçais — disse ele secamente. — Dou comigo esperançoso de que falteis ao pagamento.

SETE



Nos dias que se seguiram, pouco houve que fazer nos preparativos para a Folia do Solstício de Inverno. Fui uma vez à Casa Rosa Amarela para Favrielle conferir as suas medidas, mas a modelagem propriamente dita aguardava a chegada do tecido.

Boa altura, então, para ir encontrar-me com o Rebbe.

Foi Joscelin quem providenciou o encontro; tornara-se amigo deste grandioso erudito yeshuíta — Nahum ben Isaac, chamava-se ele —, se é que Joscelin se tornava amigo de alguém nesses tempos.

O dia estava de um frio penetrante, e congratulei-me com o coche que me abrigava do vento. Não tardámos no pátio, apressando-nos a entrar.

Um pouco conhecedora das sensibilidades yeshuítas, graças em primeiro lugar aos nossos amigos Taavi e Danele, que nos socorreram aquando da nossa fuga dos Aliados de Camlach, e depois a Seth ben Yavin, o jovem erudito que me ensinara em Montrève, vesti-me com modéstia. Não está na minha natureza pavonear-me como Serva de Namah — seja como for que pensem alguns puritanos Cassilines —, mas tenho a minha vaidade. Todavia, pu-la de lado para ir ao encontro do Rebbe, envergando um vestido de estambre castanho que usava para viajar, e um espesso xaile de lã. De boa confecção, mas a espécie de vestuário que uma fidalga rústica usaria no dia-a-dia. Com uma touca de lã na cabeça, o cabelo enrolado numa trança, e botas robustas,

seguramente, pensei, eu era a verdadeira imagem da mais enfadonha modéstia.

Isso foi o que pensei em casa, seja como for. Quando entrámos na câmara da *yeshiva*, onde as braseiras de carvão combatiam o frio e o som do murmurar das crianças enchia o ar, foi outra coisa.

Num mar de rostos estranhos, um d'Angeline destaca-se como um farol, irradiando aquela beleza de morte que corta como uma lâmina. Na Cidade, entre os da minha espécie, esquecera-me; aqui, à medida que as vozes se silenciavam e as crianças yeshuítas levantavam os olhos indagadores, lembrei-me. O que sentiriam eles? Eu desculpara-os perante Cecilie, mas ainda assim. Ver a linhagem de sangue de um ramo transviado da sua própria mitologia estampada nos rostos das pessoas que os rodeavam; devia ser coisa bem estranha. Yeshua ben Yosef pisou a terra, e morreu, e ressuscitou. Assim crêem eles, com persistente teimosia; ele é o seu *Mashiach*, o Redentor e o Rei Que Há-de Vir. Mas o Abençoado Elua, que eles não reconhecem, também pisou a terra, e ele e os seus Companheiros povoaram uma nação. Não há camponês d'Angeline, por mais humilde que seja a sua origem, que não tenha um conto na sua herança de um antepassado celestial; quiçá não mais que uma cabriola num palheiro, há trinta gerações, de Azza com uma avó distante, mas lá está.

E por isso as crianças olhavam, e a jovem que as ensinava. Joscelin pigarreou. — Estamos aqui para ver o Rebbe — disse-lhes, corando (embora eles não o fitassem a ele. Apenas a mim). — Peço desculpa. Chegámos cedo. Por favor continuai.

Para minha surpresa, a jovem ruborizou-se também. — Caleb, diz ao Rebbe que o seu amigo Joscelin Verreuil está aqui — disse ela a um dos rapazes numa voz com encantador acento d'Angeline. — E... peço desculpa — disse para mim —, mas quem devo dizer que o acompanha?

— Sou Phèdre nó Delaunay — declarei, lembrando-me de acrescentar —, Comtesse de Montrève.

— Oh! — O rubor dela acentuou-se, e levou a mão à boca. Apresando-se a retirá-la, empurrou gentilmente o rapaz na direcção da porta. — Apressa-te, Caleb.

Ele assim devia ter feito, pois que um homem alto de meia-idade e rosto solene não tardou a aparecer. — Peço desculpa, Comtesse — disse, fazendo uma breve vénia. — Esperávamo-vos às três badaladas, mas o Rebbe receber-vos-á já. — Concedeu um pequeno sorriso a Joscelin. — Irmão Verreuil. Um prazer, meu amigo apóstata.

— *Barukh hatah Adonai*, pai. — Sorrindo em resposta, Joscelin fez a sua vénia Cassiline. — Por aqui — disse para mim, com um aceno.

Quantas vezes viera ele aqui desde a primeira visita? Não passara muito tempo, e contudo os corredores eram-lhe familiares, seguindo com segurança no encaço da escolta que nos conduzia. Havia pequenos nichos de estudo; ouvi as vozes murmuradas de velhos eruditos recitando passagens que me eram meio familiares.

Os aposentos do Rebbe eram maiores, embora mal iluminados. Fez-nos esperar um momento no corredor, antes que o nosso guia nos mandasse entrar no seu escritório.

Joscelin falara a verdade; Nahum ben Isaac tinha deveras uma figura imponente. A despeito dos manifestos efeitos da idade, podia ver-se que ele fora robusto na mocidade, e os seus ombros largos ainda se destacavam sob o tecido negro da batina. Devia ter perto de oitenta anos; o cabelo estava praticamente todo branco, apenas entremeado de uns fios negros. Ainda não perdera pitada dele, também — os seus cachos laterais quase ocultavam as pontas oscilantes do seu xaile de oração e a barba quadrada caía-lhe praticamente até à cintura. Os olhos acutilantes fulguravam-me num rosto como pergaminho enrugado.

— Entrai. — A sua voz tinha um acento tão pronunciado como a da jovem professora, mas mais áspero. Joscelin fez uma vénia, murmurando novamente a bênção, e tomou assento num banco baixo aos seus pés; para meu espanto, o Rebbe deu-lhe uma palmadinha na face. — És um bom moço, para um apóstata. — O olhar impiedoso tornou na minha direcção. — Então és tu a tal.

— Phèdre nó Delaunay de Montrève, pai. — Inclinei a cabeça. Não fiz uma mesura, conquanto me custasse um esforço considerável. Comtesse ou não, fui adestrada para ser subserviente à autoridade, e o Rebbe tinha-a em abundância.

— Uma Serva de Naamah. — As palavras quase se lhe congelaram na língua. — Chamai-lhe o que quiserdes, sei o que és rapariga, por mais lindos nomes que lhe deis. Porque haveria alguém como tu de querer estudar Habiru e os ensinamentos do *Mashiach*?

Nós chamamos-lhes Yeshuítas; assim eles próprios se chamam, agora. Antes, eram os Filhos de Ysra-el. Mas antes disso, até, eram um povo tribal nos arrabaldes de Khebbel-im-Akkad, e os eruditos yeshuítas ainda dão esse nome à sua antiga língua. Se o Rebbe pensava que eu ia pestanejar de confusão, estava muito enganado. Ainda sou um dos poucos d'Angelines que entendem as declinações dos Cruithne, a quem os eruditos chamam os Picti. Delaunay fez-me aprender tais coisas, e

não lhes perdi o jeito. Sentei-me no segundo banco, espalhando cuidadosamente as saias à minha volta.

— Tenho algum conhecimento dos ensinamentos de Yeshua ben Yosef, pai — disse, inspirando fundo. — Todos os descendentes do Abençoado Elua e seus Companheiros conhecem o conto do *Mashiach*, pois ele é, também, parte da nossa História. Mas são os mais antigos ensinamentos que me interessam; o *Tanakh*,⁵ e mais especialmente os *midrashim* tais como foram registados por escrito ou passados de ouvido em ouvido. E, para isso, tenho de estudar Habiru.

O Rebbe, *sim*, pestanejou; ousou dizer que jamais esperaria ouvir tais palavras da boca de uma Serva de Naamah. Todavia, repetiu a sua pergunta implacavelmente; embora houvesse um brilho ladino nos seus olhos agora. — Porquê?

Eu respondi com uma pergunta. — Que sabeis vós sobre o Livro Perdido de Raziel⁶, pai?

— Bah! — Nahum ben Isaac fez um gesto de enfado. — Falais do livro de todo o conhecimento, que Adonai deu a Edom o Primeiro Homem? Contos para entreter crianças, nada mais.

— Não. — Abanei a cabeça, a segurança dando-me força. — E então o Senhor do Estreito, pai? Trata-se de um conto para assustar crianças?

Ele mascou pensativamente uma ponta da barba. — Os marinheiros dizem que não. Os marinheiros mentem. Mas um cisma de oito centos de anos através de uma porção de água abarcada por um grito não mente. — Sim, era definitivamente um brilho ladino. — Dizeis que tem algo que ver com o *Sefer Raziel*⁷?

— Sim. — Inclinei-me para diante. — E com o anjo Rahab, que gerou uma criança de uma mulher mortal. Por isto, o Deus Um castigou-o; mas Rahab recolheu páginas — páginas dispersas, do Livro Perdido de Raziel — das profundezas, e deu-as a seu filho, e condenou-o a suportar todo o tempo do seu castigo como Senhor do Estreito, a menos que alguém pudesse penetrar o seu mistério e tomar o seu lugar.

⁵ Conjunto de livros sagrados do judaísmo equivalente ao Antigo Testamento. (N. da T.)

⁶ Na mitologia judaica, o Anjo dos Mistérios e Guardião de Segredos, que terá dado o seu livro a Adão e Eva depois de serem expulsos do Paraíso para melhor encontrarem o caminho de volta e melhor conhecerem o seu Deus. Os outros anjos não gostaram, e roubaram o livro a Adão e lançaram-no ao mar. Deus não castigou Raziel, mas recuperou-o por meio de Rahab, e restituiu-o a Adão e Eva. (N. da T.)

⁷ Livro de Raziel. (N. da T.)

O Rebbe mastigava furiosamente; não me parece que estivesse ciente do que fazia. Não com a sua barba, pelo menos. — Contais uma boa história — disse com relutância. — Mas não passa disso.

— Não. — Joscelin interveio calmamente. — Não é história nenhuma, pai; eu também estava lá. Vi o Rosto das Águas, e fui carregado na crista de uma onda que jamais rebenta. E conheço o tsingano que penetrou o mistério. Ele era... — vacilou, depois completou o pensamento com firmeza. — Ele era meu amigo.

Senti-me grata por ouvi-lo dizê-lo. Joscelin cruzou o olhar com o meu e esboçou um sorriso pesaroso; por um momento, foi como se nada houvesse mudado entre nós.

— Um *tsingano!* — O Rebbe pareceu horrorizado; ninguém tem os Tsingani em mais baixa estima, receio eu.

— Ele era um príncipe entre os seus — disse eu incisivamente — e dotado da *dromonde*, que vê para trás assim como para a frente. Ele era meu amigo, e imploro-vos que não escarneçais dele aos meus ouvidos, pai.

— Não vos amofineis. — O Rebbe acenou novamente com a mão num gesto de enfado. — Pois bem. — Fixou-me com o seu olhar de verruma. — Será que entendo bem, Serva de Naamah? Desejais estudar Habiru e descobrir o segredo que libertará o grilhão que amarra esse vosso tsingano. Buscais um meio de forçar os mensageiros do Próprio Adonai a obedecer.

— Sim. — Disse-o com simplicidade.

Para minha grande surpresa, o Rebbe pôs-se a rir. — Bem. — Abanando a cabeça, tirou uns cabelos da barba da boca. — Bem, bem. — Quiçá soubesse mesmo, afinal de contas, que mascava a barba. — Sinto-me compelido pela palavra de Yeshua a prestar socorro onde posso — disse brandamente —, e ao que parece é esse o vosso caso, Serva de Naamah. Clamais haver estudado com Seth ben Yavin de L'Arène, e ele escreveu-me que não sois má discipula, a despeito de que faríeis corar a Magdalena impenitente. Mas ele é um mancebo, e eu não confio na palavra de mancebos mais do que na de marinheiros. Dizei-me, o que significa isto? — Das profundezas da sua barba, fez assomar um pendente, suspenso junto ao coração de um cordão ao pescoço.

Apenas tive de lhe lançar um olhar de relance; o símbolo, forjado em prata, era meu conhecido. Uma larga e pronunciada pincelada no cimo de duas pernas, era o que parecia, com uma cauda em til à esquerda. — É a palavra *Khai*, pai, resultante da combinação das letras *habet* e *Yod*.

— E o que significa? — Olhou-me astuciosamente.

— Significa “vivo”. — Fiz voz firme. — É o símbolo da ressurreição de Yeshua, uma promessa de que o *Mashiach* ressuscitou dos mortos e vive, e retornará como o Rei Que Há-de Vir e estabelecerá o seu reino na terra.

— Pois bem. — Nahum ben Isaac escondeu o pendente debaixo da barba. — Seth ensinou-vos alguma coisa, ao que parece. E contudo não credes.

Ofereci a única resposta que tinha. — Pai, não creio nem deixo de crer. Sou d’Angeline.

— Até mesmo um d’Angeline pode ser redimido. — O Rebbe ajeitou o seu xaile de oração. — Não há pecado, nem do sangue nem da carne, tão grande que a morte do *Mashiach* não possa redimir. — Olhou de relance para Joscelin ao dizê-lo, e Joscelin não lhe susteve o olhar. — Que seja, então. Ensinar-vos-ei, Serva de Naamah, dentro das minhas possibilidades. — Abri a boca para lhe agradecer e ele levantou um dedo, advertindo-me silêncio. — Isto peço eu. Enquanto escolherdes viver uma vida de indecência, vireis apenas quando vos convocar. Atendereis aos nossos costumes, e não falareis com ninguém. As nossas crianças não vos pousarão a vista em cima. Estais de acordo com estas condições?

Ia para retorquir, picada, mas pensei duas vezes. O rosto de Hycinthe assomou na minha memória; irradiando folia, os olhos negros brilhando, os dentes cintilando num grande sorriso branco. Oito centos de anos, condenado a uma ilha solitária. — Sim, pai. — Soa dizer-se que pareço bem mansa quando assim escolho parecer. — Farei como dizeis.

— Bom. — O Rebbe bateu palmas. — Então, para a próxima semana, estudareis o *Be’re sheith*, o primeiro livro do *Tanakh*. Começaremos, conforme está escrito, “No princípio”. E quando eu vos convocar, podeis estar certa, interrogar-vos-ei. — O seu olhar fulgurante retornou. — Em Habiru! Não me faleis dessa língua que chamais Yeshuíta, está claro?

— Sim — murmurei. — Obrigada, pai.

— *Barukh hatah Yeshua a’Mashiach, lo ha’lam* — entoou o Rebbe, acenando com a mão. — Agora ide. E envergai algo decente, quando retornardes.

Lá fora, Joscelin olhou-me de lado e manuseou nervosamente os arreios da parelha do coche. Reinava a calma no pátio, nenhuma criança à vista, graças a Elua. Não desejava transgredir o nosso acordo. — Ele é um grande homem, Phèdre — disse Joscelin com reserva. — Não é seu intento insultar-te.

— E eu sou um insulto vivo a tudo o que ele considera sagrado — repliquei calmamente. — Eu entendo, Joscelin. Darei o meu melhor para não o censurar por isso. Se ele puder ajudar-nos a descobrir uma maneira de libertar Hyacinthe, isso é tudo o que importa. A menos que temas que eu interfira na tua redenção.

Foram crueis, as minhas últimas palavras, e eu sabia-o. Ele estremeceu como se lhe houvessem causado dor. — Eu não busco *redenção* — disse, em voz baixa e feroz. — Acontece apenas que o Rebbe é o primeiro a dizer-me que não preciso nem de partilhar da danação de Cassiel nem de abster-me dos meus votos tão descuidadamente como se nada mais fossem que uma convenção fora de moda!

— Joscelin! — Recuei um passo, sobressaltada. — Eu jamais disse isso!

— Não. Bem sei. Mas pensaste-o. — Estremeceu de novo, voltando-se para verificar sem necessidade as fivelas dos arreios. — Entra no coche — disse, numa voz abafada. — Eu levo-te a casa.

Foi uma longa viagem até casa, e silenciosa e solitária no meu coche.

Oito



Foi no dia seguinte que Thelesis de Mornay me veio bater à porta, e eu acolhi a sua visita com genuíno deleite. A Poeta da Rainha era uma mulher pouco atraente com feições que quase poderiam ser desgraçadas não fossem os seus luminosos olhos escuros e voz musical. Quando ela falava, apenas se ouvia beleza.

— Phèdre. — Thelesis abraçou-me com um sorriso, os olhos incandescentes. — Lamento não ter tido oportunidade de te ver mais cedo. Perdoa-me por ter vindo sem avisar.

— Perdoar-vos? Não posso pensar em ninguém que me desse mais prazer ver — disse eu, apertando-lhe a mão. Era verdade. Em tempos, quando julgara sofrer o mais sombrio desgosto da minha vida, fora Thelesis que me tirara dele; nada mais havia sido que ciúmes infantis, sei-o agora, mas sempre acarinhei a sua bondade e tacto.

E Delaunay tratava-a como uma igual, e confiava nela. Quando eu e Joscelin escapáramos da Skaldia e retornáramos à Cidade, apenas para nos descobirmos condenados in absentia do homicídio de Delaunay, fora Thelesis quem nos ajudara em segredo e lograra obter-nos uma audiência com Ysandre. Confiara-lhe a minha vida, então, e fá-lo-ia de novo.

— Aqui. — Voltou-se para o seu lacaio, trajando a libré da Casa Courcel, e assentiu. Ele estendeu uma grande caixa de madeira. — Trouxe-te um presente.

— Não tínheis de fazê-lo — protestei. Thelesis sorriu.

— Mas fiz — disse. — Espera só para ver.

Fomos para a sala de estar, e Gemma trouxe cálices de cordial. Thelesis bebericou o seu e tossiu uma vez, delicadamente.

— A vossa saúde ainda vos incomoda? — perguntei compassiva. Ela apanhara a febre, naquele Mais Amargo Inverno, que tantos matara.

— Há-de passar. — Pressionou brevemente a mão contra o peito. — Vá, abre lá.

A caixa estava pousada sobre a mesa baixa diante de nós. Levantei a tampa e espreitei lá para dentro, tirando para fora bocados de algodão para descobrir que estes escondiam um pequeno busto de mármore. Erguendo-o, as mãos tremiam-me. Sustive o busto no ar e mirei-o.

Era Anafiel Delaunay.

O escultor representara-o no apogeu dos seus trinta anos, em toda a sua austera beleza; as feições orgulhosas, um vago retorcer da sua bela boca, ironia e ternura mescladas nos seus olhos e a grossa corda da sua trança caindo-lhe sobre um ombro. Não o mesmo, claro está, na sua rigidez de mármore; os olhos de Delaunay eram de um tom de avelã, salpicados de topázio, o cabelo de um rico matiz arruivado. Mas o rosto, ah, Elua! Era ele.

— Obrigada — murmurei, com a voz a tremer; o desgosto, inesperadamente, abateu-se sobre mim como um murro no estômago. — Obrigada, oh, Thelesis, Abençoado Elua, sinto a falta dele, sinto tanto a falta dele! — Ela olhou-me com inquietação, e eu tentei abanar a cabeça, sossegando-a. — Não vos apoquenteis, não é... adoro-o, verdadeiramente, é lindo, e vós sois a mais gentil das amigas, acontece apenas que sinto a falta dele, e julguei ter posto fim ao luto, mas ao ver isto... e Alcuin, e Hyacinthe, e agora Joscelin... — Tentei rir. Ficou-me preso na garganta, embargado de lágrimas. — Agora Joscelin quer deixar-me para seguir o seu próprio caminho, e pensa mesmo tornar-se yeshuíta, oh, Elua, eu simplesmente...

— Phèdre. — Thelesis pegou gentilmente no busto, pousando-o sobre a mesa, e esperou silenciosamente enquanto durou o súbito ataque de soluços que me assolou. — Está certo. Está certo fazer o luto. Também eu sinto a falta dele, e ele era apenas meu amigo, não meu senhor e mentor. — Não importava o que dizia; poderia ter dito fosse o que fosse naquela sua voz apaziguadora.

— Lamento tanto. — Enterrara o rosto nas mãos. Ergui-o, pestanejando para ela através das lágrimas. — Verdadeiramente, este é

o presente mais maravilhoso que jamais me deram, e eu pago-vos assim. — Disse-o polidamente, embora não pudesse deixar de fungar.

— Alegra-me que gostes. Encomendei-o a um escultor que o conheceu bem, em tempos. — Tocou no busto, afagando-o pesarosamente. — Ele suscitava fortes emoções nas pessoas, Anafiel Delaunay.

Assenti, esfregando o rosto manchado de lágrimas. — Suscitava.

— Sim. — Thelesis mirou-me com o seu olhar sereno. — Phèdre. — Uma palavra, nomeando-me. É um dom de poeta, ir ao cerne das coisas numa palavra. — Porquê?

Com outra pessoa qualquer, poderia ter dissimulado; fizera-o já com Cecilie, e, deveras, com a própria Ysandre de la Courcel. Mas Thelesis era poetisa, e aqueles olhos escuros viam até ao âmago. Não fora estar doente, teria ido ela em meu lugar a Alba. Devia-lhe a verdade, pelo menos.

— Esperai — disse, e fui buscar a minha capa *sangoire*. Retornando, dei-lha, uma trouxa de pregas de veludo da cor do sangue à meia-noite. — Recordais-vos disto?

— A tua capa. — Inclinou a cabeça sobre ela. — Recordo.

— Salvou-me a vida, de certa forma. — Dei por mim a andar de um lado para o outro, e fiz por me sentar. — O homem de armas de Ysandre também a recordou, do dia em que Delaunay foi morto; uma *anguissette* numa capa *sangoire* e um membro da Irmandade Cassiliane, buscando uma audiência com a Princesa. Ela comprovou a nossa história. Mas nunca mais tornei a vê-la, depois desse dia. Tirei-a nos alojamentos de Melisande Shahrizai, onde ela me serviu um cálice de cordial. — Lembrando-me do meu agora, peguei no copo e bebi, com uma careta. — Acordei numa carroça coberta por uma lona, a meio-caminho da fronteira skaldi, embrulhada em cobertores de lã e sem capa à vista. — Bastantes mais coisas se haviam passado entretanto, mas Thelesis não tinha necessidade de sabê-lo. Envolviam Melisande, e as lâminas bem afiadas daquilo a que chamam flechettes, e muitos gritos meus. Tudo menos o meu *signale* e a mensagem de Quintilius Rouse para Delaunay. Ainda tenho sonhos com isso, e, Elua me ajude, alguns deles são uma delícia de requinte. — Recebi-a de volta este outono.

— Como? — perguntou Thelesis cuidadosamente.

— Gonzago de Escabares. — Pousei o queixo nas mãos e fitei o busto de Delaunay. — Um amigo dele conheceu uma mulher em La Sereníssima; uma mulher linda. Ela deu-lhe uma encomenda para que a fizesse chegar a um amigo, que iria encontrar-se com a Comtesse de Montrève. — Acenei para a capa com um gesto. — Não era mais que isto.

— Melisande. — Ela soprou a palavra. — Phèdre, contaste à Rainha? Abanei a cabeça. — A ninguém, à exceção de Joscelin e dos meus rapazes. Eles sabem. Perguntei a Ysandre, quando me recebeu, se tinha ouvido alguma coisa a respeito de Melisande. Ela enviou palavra para cada cidade importante da Aragónia a Caerdicca Unitas, e ninguém a viu. Benedicte de la Courcel está em La Sereníssima, Ysandre está certa de que ele a acorrentaria se ela se denunciasse. Nada.

— Benedicte de la Courcel — disse Thelesis mordazmente — tem uma noiva-criança d'Angeline e prepara-se para ser pai de novo na sua senilidade. Bem vistas as coisas, nem daria por isso se Melisande lhe desse um pontapé nas canelas.

— Porventura. — Encolhi os ombros. — Seja como for, ela escondeu-se bem. Mas uma coisa sei eu, e essa é que alguém a ajudou a sair viva de Troyes-le-Mont. E quem quer que tenha sido, foi alguém poderoso bastante para que nenhum dos guardas de serviço nessa noite se dignasse sequer interrogá-lo. Ou interrogá-la. O guarda da poterna foi morto com uma adaga no coração. Quem quer que o tenha feito, acercou-se o bastante para o fazer sem resistência. — Abri as mãos. — Vós não estáveis lá, Thelesis. Eu estava. Posso contar o número de pessoas pelos meus dedos. E esta capa? — Agarrei nela. — É a mensagem de Melisande, o gambito⁸ a abrir o seu jogo. Quem quer que haja sido, tenho uma oportunidade de descobri-lo.

A Poeta da Rainha pareceu transtornada. — Tens de contar a Ysandre. Se não a ela, então pelo menos... pelo menos a Gaspar. Ele ajudaria.

— Não. — Disse-o suavemente. — Ele é um dos que eu conto, Thelesis.

— *Gaspar?* — Ela pareceu incrédula; e bem podia parecê-lo. Gaspar Trevalion, o Comte de Fourcay, era uma das poucas pessoas em quem Delaunay confiara inquestionavelmente. Até avançara em defesa de Gaspar quando a rede caíra sobre a Casa Trevalion.

— Gaspar — disse eu implacavelmente. — Thelesis, quem quer que tenha sido, *combateu* do nosso lado, não vedes? Tinha de ser alguém em quem confiássemos, para além de qualquer pensamento. Aqueles guardas, não teriam deixado o Duc de Morhban passar sem oferecer resistência, soberano de Kusheth ou não. Prometei-me que nada direis. Nem a Gaspar, nem a Ysandre... nem a ninguém. Quem quer que haja sido, se souber qual é o meu intento, isso silenciá-lo-á, tão certo como a morte.

⁸ Lance de abertura no jogo de xadrez em que se sacrifica uma pedra, normalmente um peão, para ganhar vantagem. (N. da T.)

— E então pensas tu — disse ela interrogadoramente —, pensas verdadeiramente que se darão a conhecer a ti, como Serva de Naamah, em descuidada conversa de alcova?

— Não. — Abanei a cabeça. — Não sou assim tão tola, prometo-vos. Mas penso que os fios estão aí, e se tiver sorte — querendo-o Naamah, e Kushiél —, porventura deixarão escapar uma ponta solta, de modo que eu possa discernir a trama que estão a urdir. É uma possibilidade remota, concedo. Mas é uma possibilidade, e a única que tenho. Melisande faz jogo limpo, segundo as suas próprias regras. Se a possibilidade não estivesse lá... — ergui uma prega da capa — ...não me teria enviado o desafio.

— Acho que estás louca. — Só Thelesis de Mornay poderia ter emprestado gentileza às palavras. — Mais louca que Delaunay, e eu julgava-o louco por honrar aquela ridícula promessa a Rolande de la Courcel. — E bem podia fazê-lo, pois Delaunay muito sofrera com a inimizade da esposa de Rolande, Isabel L'Envers; mas o meu senhor Delaunay cumpria as suas promessas. Agora todos eles estão mortos, e são os vivos que têm de arcar com o custo. Thelesis atirou-me a capa *sangoire* de novo para o regaço, e suspirou. — Mas honrarei o teu pedido assim mesmo, pois és a pupila de Delaunay, e carregas a marca do Dardo de Kushiél, e não é do interesse de nenhum poeta contrariar a vontade dos imortais. Ainda assim, desejaria que reconsiderasses. O Duc L'Envers, pelo menos, não tem qualquer interesse em ver Ysandre destronada.

— Barquiel L'Envers — disse eu — está nos primeiros lugares do meu rol de suspeitos.

Thelesis de Mornay riu-se lastimosamente. — Anafiel — disse, falando para o busto de Delaunay —, deveríeis ter sido feito Poeta do Rei no meu lugar, e deixado esta aqui às mercês da Casa Valeriana. — Não tivesse eu ido servir Delaunay, é verdade, a Valeriana teria comprado a minha marca. É a especialidade deles, providenciar adeptos que encontram prazer na dor. Mas não foram eles que me descobriram. Foi Delaunay. — Pois muito bem — disse Thelesis, mudando de assunto. — Que coisa é essa de Joscelin Verreuil se juntar aos Seguidores de Yeshua?

Não me envergonho de admitir que desfiei a história para ela, e ela escutou sem fazer julgamentos, como só uma verdadeira amiga pode fazer. Quando acabei, ela apertou-me a mão, compassiva.

— Ele está a sofrer — disse gentilmente —, e tu magoaste-o profundamente, sem queres ou não. A escolha dele pertence-lhe a ele, Phèdre, e não podes ser tu a fazê-la por ele. Concede-lhe o seu espaço,

pois, para escolher. Quando o Deus Um enviou os seus mensageiros para convocarem Elua de volta, foi Cassiel que lhe passou a adaga para dar a sua resposta. Mas eu jamais ouvi dizer que Elua lha tenha pedido.

Ela estava certa, e eu nada podia dizer contra isso. Em vez disso ocupei-me da minha capa, dobrando a sua massa luxuriosa. — Achais que é verdade? — perguntei então. — Que Yeshua tem o poder de redimir o pecado?

— Não sei — disse Thelesis pensativamente. — Os modos dos deuses são estranhos, e os Yeshuítas não vêem o pecado como nós, assim como os Cassilines. Não sei dizer. Os Hellenos clamam que os descendentes da Casa de Minos têm a capacidade de limpar um homem de uma maldição de sangue; é um dom de Zagreus, depois de haverem expiado... bem, sabes a história. — Sabia, pois carregava o nome maldado de uma rainha dessa linhagem. — Mas ouvi dizer, também, que poucos mortais podem suportar o processo por menos que o custo do seu juízo.⁹

Estremeci; era um pensamento assustador. — Bem, Elua permita que nenhuma de nós necessite de descobri-lo. Acatarei o vosso conselho, e darei a Joscelin a liberdade de escolher. Assim um sacerdote lhe profetizou, em tempos, que sempre se veria em encruzilhadas, e escolheria uma e outra vez. Mas eu temo que este Rebbe lhe apresente um terceiro caminho.

— Todos os caminhos estão presentes, sempre — disse Thelesis de Mornay filosoficamente —, e nada podemos fazer senão escolher entre eles. — Pôs-se em pé. — Phèdre, obrigada pela tua hospitalidade, e pela tua... — sorriu — ...pela tua confiança. Honrá-la-ei, com a promessa que me pediste. Promete-me em troca que terás cuidado, e divulgarás a Ysandre seja o que for que descubras. — Ergueu as sobranceiras. — Presumo que não suspeitas dela, pelo menos?

— Não. — Ri-me. — Não de Ysandre. Para além de mim própria, e provavelmente de Joscelin, Ysandre de la Courcel é a única pessoa que estou certa não tinha qualquer interesse em ver Melisande em liberdade. E não fosse eu encontrar-me lá, é provável que suspeitasse de mim própria também. Thelesis, obrigada. — Levantei-me para abraçá-la. — Lamento ter feito figura de tola. Verdadeiramente, acarinharei este presente para além de qualquer palavra.

— Não tens de quê. — Retribuiu-me o abraço. — Phèdre, sabe por

⁹ Alusões aos mitos gregos do Minotauro, de Zagreus e de Fedra e Hipólito, mais ou menos “presentes” ao longo da trama. (N. da T.)

favor que estás sempre convidada para me visitares no Palácio. Seja por que razão for.

— Assim farei — prometi, acompanhando-a à porta.

Depois de ela se ter ido, voltei à sala de estar, fitando o busto de De-launay. Ah, meu senhor, perguntei-me, que me diríeis se pudésseis falar?

Belo e silencioso, o seu rosto de mármore manteve o seu sorriso oblíquo e secreto.

Estava por minha conta.

NOVE



O tecido para o meu traje havia chegado, e um mensageiro trouxera palavra de Favrielle nó Rosa Amarela que eu deveria ir a uma prova. Uma questão, no entanto, no que tocava à Folia da Rainha, permanecia por tratar.

— Gostaria que viesses — disse eu para Joscelin —, mas, se queres manter a tua vigília, entenderei.

Tínhamos feito as pazes, até certo ponto; ele viera até mim com uma oferta silenciosa de desculpas, um belamente forjado plinto de mármore negro sobre o qual se encontrava agora o busto de Delaunay. Onde fora ele buscar dinheiro para tal coisa, não sabia, nem perguntei. Mais tarde soube que empenhara uma adaga adornada de jóias para fazê-lo, um presente de Ysandre.

— Acho que seria melhor que levasses um dos moços — murmurou Joscelin. — Eu não... Há muito tempo que não faço vigília a Elua na Noite Mais Longa, Phèdre, e acho que sirvo melhor para isso do que para partilhar *joie* com fidalgos neste momento. — Esboçou um débil sorriso, para remover qualquer contundência das suas palavras. — Deixa que Fortun te escolte; é mais atinado do que os outros dois.

— Está bem. — Inclinei-me para o beijar na fronte ao sair; ele estremeceu.

E assim foi que Fortun me acompanhou à Casa Rosa Amarela,

onde Favrielle o olhou aprovadamente. — Asmodeu¹⁰ — disse, medindo os seus ombros largos com uma braçada. — Um dos sete cortesãos do inferno, que serviram às ordens de Kushiel. Vamos pôr-lhe um conjunto de bragas e gibão de veludo negro, e uma grande chave de bronze num cordão ao pescoço. Uma simples mascarilha coroada de cornos, penso eu; de cetim negro. Um acompanhante digno de Mara. Noreis! — Elevando a voz, acenou para um alfaiate. Não adepto, este apressou-se a obedecer. — Encarregas-te disso? Algo elegante, não o desvairado disparate desta estação.

— Decerto. — Ele inclinou a cabeça. O génio governa na Casa Rosa Amarela. Se Favrielle era inadequada para servir Naamah, reinava claramente na sala de provas.

— Muito bem. — Com um suspiro, Favrielle voltou-se de novo para mim. — Vejamos o que temos.

Assim que me despi e enverguei o vestido meio cosido, tive de admitir um reconhecimento relutante da sua habilidade. Verdadeiramente, era esplêndido. O escarlate do tecido de malha de seda condizia na perfeição com os acentos da minha marca, e deslizava-me sobre a pele como uma coisa viva. Em pé sobre um banco enquanto Favrielle resmungava à minha volta, compondo e colocando alfinetes, mirei de olhos arregalados o meu reflexo no espelho.

— Favrielle, meu doce! — A porta da sala de provas escancarou-se para deixar entrar um adepto alto dos seus trinta e tal anos, com olhos folgazões e um rosto atraente e vivo. — Onde está a minha capa de três camadas de Trovador de Eisande? Fui requisitado para a festa desta noite do Senhor Orlon, e a Cortesã-Mor *prometeu-lhe* uma actuação privada! — Avistando-me, deteve-se e executou uma vénia elaborada. — Perdoai-me, gentil senhora... — A sua voz ressonante calou-se, e o olhar folgazão aguçou-se ao mirar-me a marca de alto a baixo. Os seus olhos cruzaram-se com os meus no espelho, em busca do cisco escarlate. — Minha senhora, deveras. Phèdre nó Delaunay de Montrève, se não estou em erro.

— Roussillon nó Rosa Amarela. — Sorri. As suas sátiras eram famosas no Umbral da Noite; ouvira-o declamar, em tempos. — Sede bem aparecido.

¹⁰ Figura da mitologia judaica, um dos sete príncipes do inferno e, como regente da luxúria e perversão, inimigo da união conjugal. É representado como homem com três cabeças — uma de homem com hálito de fogo, uma de touro e outra de carneiro. (N. da T.)

— E eu sem uma onça de versos de pé quebrado! — Fez uma expressão consternada, depois ensaiou uma pose. — Waldemar Selig uma guerra comandava — declarou. — Waldemar Selig uma grande espada empunhava. Mas o seu plano soçobrou, quando Kushiel seu Dardo desfechou, e Selig com Isidore arcou.

Do outro lado da sala, Fortun deixou escapar um resfolegar de hilaridade reprimida. Ele estivera lá, no campo de batalha, quando Isidore d'Aiglemort matara Waldemar Selig. Custara-lhe a vida, mas considero que o maior traidor de Terre d'Ange ganhou a sua redenção ao destruir o seu maior inimigo.

Ainda assim, era bom ser capaz de rir.

— Ainda não acabei — disse Roussillon brandamente, aclarando a garganta. — O poderoso Selig costas virou, quando o seu ataque divulgou, às suas hordas de bárbaros. Oh, como lhe ardiam os bagos! Mais tarde viria a pagar, uma hábil *anguisette* não é seguro ignorar!

Ri-me alto, batendo palmas; Roussillon fez-me mais uma vénia, e Favrielle resmungou enfadada. Encolhi-me quando um alfinete descuidado me arranhou.

— Ainda precisava de um ponto — disse zangada para o sátiro. — Enviar-ta-ei o mais tardar dentro de uma hora. — Agora retira-te, e deixa de me distrair com os teus desgraçados versos!

Ele simulou convincentemente estar cheio de medo, e foi-me difícil deixar de rir outra vez. — Obrigado — disse ele então para Favrielle. Tomando-lhe as mãos, beijou-lhas a despeito de todos os esforços dela para se escapar. — És um verdadeiro anjo dos criadores de vestuário, meu tesouro, e acenderei uma vela em teu nome. — Largando-a, sorriu para mim, desta vez sem qualquer artifício. — Posso dizer que é uma honra conhecer-vos, minha senhora. Os Servos de Naamah muito vos devem.

— Obrigada. — Retribuí-lhe gravemente o sorriso. Ele riu-se, fez uma última vénia rasgada, e foi-se.

— *Cretino* palrador! — resmungou Favrielle, pegando num alfinete caído e espetando-o com força através do tecido sedoso. O material cedeu facilmente, e ela cravou-me o alfinete quase a uma polegada de profundidade na carne, na base da minha espinha. Mal tive tempo para sustentar a respiração.

Uma dor, fógosa e radiante, irrompeu em círculos concêntricos, latejando. Inundou-me de ondas, aguda no seu cerne, doce à medida que alastrava. Uma névoa vermelha obstruiu-me a visão no olho esquerdo, toldando a minha imagem no espelho. Algures, atrás dela, pressenti o

semblante brônzeo de Kushiel, vara e mangual cruzados sobre o peito, severo e aprovador.

Quando a névoa se dissipou, Favrielle jazia de joelhos fitando-me aturdida, com o alfinete que me retirara da carne nos dedos. Pestanejou e fechou a boca. — Isso deve ser... inconveniente.

Para variar, a sua voz não continha censura, apenas uma certa compaixão retorcida. Inspirei longa e estremecidamente. — Sim. — Deixei escapar a respiração suspensa. — Ser uma *anguisette* não é exactamente uma coisa conveniente. — Através de uma longa disciplina, fiz por ajustar o meu tom ao dela. — O que não quer dizer que goste mais de vós por isto.

Contra sua vontade, Favrielle nó Rosa Amarela riu-se.

Quando retornei a casa, fui dar com Joscelin agitado e o solene pupilo do Rebbe à minha espera. Levantou-se quando eu entrei na sala. — Convém ao Rebbe receber-vos agora, Comtesse — disse. — Vireis?

Suspirei. — Ele queria mesmo dizer *quando* me convocasse, não queria? Está bem. — Escovei a frente do meu vestido; era de uma lã azul de fina fiação, menos enfadonho do que o que levava da outra vez. — Dai-me um momento para mudar para uma coisa que o Rebbe considere adequado. Fortun, diz a Benoit que não desatrele a parelha.

O pupilo do Rebbe esboçou um ligeiro sorriso. — A vossa vestimenta serve na perfeição, Comtesse. Não deveis tomar a peito tudo o que ele diz. Ele pode desaprovar as Servas de Naamah, mas creio que zombava.

Fiz uma careta, o que provavelmente não era a resposta apropriada para um par do reino. — O humor do Rebbe deixa algo a desejar.

— Porventura. — O yeshuíta baixou a cabeça, ocultando outro sorriso. — Mas é um grande homem, e mereceu o direito às suas pequenas zombarias, julgo eu. Vamos?

Ele falara a verdade; Nahum ben Isaac não teceu comentários à minha roupa, mas limitou-se a sentar-me a uma mesa e trouxe com ele um rolo de pergaminho do armário do seu escritório. Joscelin sentou-se quieto num banco. — Agora — disse o Rebbe determinado. — Veremos. — Desenrolando o topo do pergaminho, revelou as palavras de abertura do *Be'resheith*. Com um ponteiro, indicou a primeira frase. — Lereis até vos dizer que pareis. E depois descrever-mo-eis de novo, na vossa própria língua. E veremos então.

Seguindo o ponteiro — era um pergaminho sagrado, que não pode ser tocado por mãos humanas —, li alto em Habiru, fluentemente por vezes, vacilante outras. De cada vez que tropeçava, o Rebbe cor-

rigia-me; impaciente, pensei, mas então acenava-me para que prosseguisse. Quando por fim me fez sinal para que parasse, inspirei fundo e recitei todo o conto em D'Angeline, até o dilúvio cobrir toda a terra.

O Rebbe recostou-se e escutou, mascando pensativamente a sua barba. De tempos a tempos, assentia com algo semelhante a aprovação; de tempos a tempos, retraía-se.

Depois de eu ter acabado, olhou-me relutantemente. — Estudastes uma transladação, suponho eu.

— Não. — Abanei a cabeça. — Já o havia lido vertido, pai, no passado. Mas dissestes-me que o estudasse em Habiru, e foi o que fiz.

Ele lançou-me um olhar suspeito. Do canto, Joscelin falou. — Phèdre é uma dotada linguista, pai. Por isso a Rainha a enviou a Alba.

— Hah. Já ouvi essa história. — O Rebbe tirou uns cabelos do lábio inferior, e mirou-me com o seu olhar ladino. — Muito bem, então. Lê-lo-ás de novo, criança, linha por linha. Primeiro em Habiru, depois em D'Angeline. E porventura — *porventura* —, se logreres chegar ao fim sem demasiados erros, contar-te-ei um conto que o meu mestre me contou, a respeito do *Sefer Raziél* e da desobediência de Rahab.

No seu banco, Joscelin instalou-se e preparou-se para uma longa espera. Eu suspirei, e comecei de novo.

Nahum ben Isaac era um professor esgotante. Se eu pensava que o jovem Seth me ensinara bem, perdi as ilusões nesse dia. Grande parte dos erros que eu cometia na pronunciação e transladação, deixara ele passar, por ligeiros que eram. Não era de admirar, suponho eu: durante as primeiras semanas, ele nem sequer lograva olhar para mim sem se ruborizar. Mas os erros ligeiros acumulam-se, e transformam-se em erros grosseiros se não forem contidos. O Rebbe não me permitia quaisquer erros, e fez-me parar repetidamente durante esta última leitura para corrigir qualquer ninharia até ficarmos ambos irritadiços.

— Culpa! — disse ele mal-humorado, corrigindo-me pela terceira vez; era um erro de transladação que eu tinha alojado na memória. — Não pecado, culpa! Culpa! Apenas Yeshua era destituído de pecado! — Reforçando a ideia, bateu-me vivamente nos nós dos dedos com o ponteiro.

Com um débil som de arrastar, Joscelin pôs-se em pé de um salto, as adagas meio para fora antes que se apercebesse do que fazia. Quando o fez, pareceu mortificado. — Perdoai-me, pai! Eu...

— Ainda és mais Cassiline que qualquer outra coisa. — Levantando os olhos para Joscelin, o Rebbe soltou uma risadinha dentro da barba. — Bem, apóstata, veremos. — Levando os dedos ao pendente

khai, assentiu para mim. — Não embaraçastes o *Tanakh*. Dominai estes versículos, e para a próxima vez contar-vos-ei a história de Rahab e do Livro Perdido. Pode ser que haja alguma coisa nestes contos para crianças que possais aproveitar.

— Obrigada — disse eu com gratidão, pondo-me em pé. Os meus músculos haviam ficado rígidos de estar tanto tempo sentada, e sentia a mente sobrecarregada. Singularmente, não era uma sensação má. Assim fora quando era criança em casa de Delaunay, e ele nos levava, a mim e Alcuin, a encher as nossas mentes de História e política e línguas. Amofinara-me com aquilo, então, embora aprendesse. Agora dava-lhe valor. — Virei quando me convocardes, pai, sempre que possa.

Joscelin, ainda com o rosto vermelho, fez a sua vénia Cassiline. — *Ya'èr Adonai panav elekha*, pai, por favor aceitai as minhas desculpas. Estava meio a dormir, e não pensei.

— Pois, qual criança, repousas bem na presença de Yeshua, hah! — O Rebbe esboçou o seu sorriso ladino, e cutucou Joscelin com um dedo. — Aí está algo em que pensar. — Fez um gesto dispensando-nos. — Ide, então.

Lá fora, Joscelin moveu-se como um homem num sonho, aparelhando os cavalos e aprestando-se para conduzi-los. Ansiei por dizer uma palavra que o fizesse tornar atrás, mas qual seria essa palavra, não sabia.

Chegando a casa ao crepúsculo, os meus cavaleiros encontravam-se os três metidos na sala de recepções, com Gemma pairando de roda de Ti-Philippe e pressionando-lhe um pano húmido sobre o olho direito.

— Não me digais — suspirei. Fora um longo dia.

— Não é o que pensais, minha senhora. — Ti-Philippe empurrou a mão de Gemma e abriu-se num sorriso para mim, revelando um semblante roxo e inchado. — Não fomos apanhados, nem coisa parecida. Estivemos a jogar aos dados na caserna com a Guarda do Palácio, como dissestes.

— Um deles acusou Ti-Philippe de fazer batota — acudiu Remy em seu socorro —, e houve uma querela. Então ele disse qualquer coisa a vosso respeito que nós não levámos a bem. De modo que o ensinámos a comportar-se.

Deixei-me cair numa cadeira. — E em que sarilhos vos metestes?

Remy tossiu. — Não muitos. O Capitão da Guarda concordou que a razão estava do nosso lado e deu uma reprimenda ao sujeito. É-nos permitido retornar, sim senhora. Mas há, hmm, uma pequena multa por causar distúrbios na caserna.

— Quão pequena?

— Vinte reais de prata. — Pareceu embaraçado. — Prometemos que os enviaríeis.

— Fortun? — Olhei-o com um ar implorador.

— Eu pagá-la-ei amanhã — disse ele calmamente. — E podeis des-
contar dos nossos ganhos, se necessário for. Mas, minha senhora, algo
mais deveis saber. Os moços descobriram umas quantas coisas que
porventura explicarão como Melisande Shahrizai escapou.

DEZ



As palavras de Fortun, fui tomada de um grande entusiasmo, e o meu cansaço foi-se. Teria ouvido as novas ali mesmo, não fosse o hábito de discrição. Os criados de Delaunay haviam sido escolhidos a dedo e julgados merecedores de confiança; embora gostasse deles, os meus não o eram. — Gemma. — Voltei-me para a criada de dia. — Serias capaz de ver se Eugènie tem alguma coisa preparada para a ceia? É cedo, mas eu estou faminta. Se tivesses a amabilidade de servir seja o que for que estiver preparado, é tudo.

Gemma fez beicinho, mas obedeceu-me. Afortunadamente, havia ensopado de cordeiro com funcho pronto a servir, e pão estaladiço ainda quente. Agradei à cozinheira e dispensei-a para a noite, a despeito dos seus resmungos; Eugènie não se fiava que uma fidalga d'Angeline pudesse passar sem pelo menos uma criada experiente. Eu ter-me-ia rido, noutra altura qualquer. Na vastidão skaldi, fervi potagem com neve fundida e sobrevivi. Também não me teria julgado capaz de fazê-lo, antes de a isso me ver obrigada. É claro, não era um par do reino, então, mas as cortesãs altamente prezadas não são exactamente famosas pela sua experiência de floresta. Aprendi a fazer uma fogueira numa nevasca com nada mais que uma pederneira e uma isca húmida nessa pavorosa fuga com Joscelin. nenhuns adeptos da Corte da Noite podem clamar tal coisa, ousou dizer.

Fosse como fosse, não tardou que estivéssemos sentados à mesa da

ceia, e Remy e Ti-Philippe contassem a sua história por entre colheradas de suculento ensopado e pão quente, empurrados com fartura de vinho.

— Então — perguntei directamente —, descobristes os homens que estavam de guarda na noite em que Melisande escapou?

Ti-Philippe, com a boca cheia de ensopado, abanou vigorosamente a cabeça. — Não, minha senhora — respondeu Remy pelos dois, fazendo uma expressão pesarosa. — Isso, ninguém parece saber ao certo; temos uns dois nomes, mas ninguém sabe onde se encontram colocados, e não ousamos perguntar de forma tão directa se não quereis que levantemos suspeitas. É possível que não estejam destacados junto da Guarda do Palácio. Se estavam entre os homens que o Comendador Real enviou para Camlach, receberam ordens para deixarem o serviço, e será bem difícil dar com eles. Mas descobrimos uma coisa quase tão boa.

— Continua — disse eu, intrigada.

— A Casa Shahrizai está em guerra consigo mesma. — Ti-Philippe abriu-se num sorriso oblíquo. — Os dois que traíram Melisande? Marmion e Persia? Bem, Persia morreu.

— *O quê?*

— Oh, sim. — Remy bebeu uma boa golada de vinho, com os olhos cintilantes. — Foi um acidente, em Kusheth, minha senhora; um fogo no seu solar. Só que uns quantos homens de armas da Senhora Persia não julgam que haja sido acidente. Nem dois parentes dela. De modo que os enviaram, a três homens de armas, para a Guarda do Palácio, onde pudessem ficar de olho no Senhor Marmion.

— Eles acham que foi Marmion que o fez? O próprio irmão dela, e seu aliado além do mais? — A minha mente começou a tiquetaquear face às possibilidades. Coisa pavorosa, sim, mas coisas pavorosas têm ocorrido até nas Grandes Casas de Terre d'Ange.

— Este sujeito — disse Ti-Philippe —, Branion de seu nome, disse que foi da Senhora Persia que o Duc de Morhban primeiro se acercou. Foi ela que persuadiu o Senhor Marmion a juntar-se a ela e entregar a prima. Este Branion, ele acha que o Senhor Marmion só foi para a frente com isto de forma a poder libertá-la. Agora Melisande tem-no em alta consideração, ao mesmo tempo que ele detém a confiança da Rainha. Só que Persia deve ter sabido de alguma coisa, ou calculado. E agora a Casa está dividida à conta disso, mas não ousam acusá-lo sem provas.

— Marmion poderia ter passado pelos guardas na câmara de Melisande — disse eu pensativamente. — Sabiam que ele era primo dela; tê-lo-iam deixado entrar para falar com ela na véspera da sua morte. Deixaram-me a mim. Joscelin. — Voltei-me para ele. — Ysandre in-

terrogou os Shahrizai. Houve falatório a esse respeito, pelo menos; estavam debaixo de grande suspeita. Nenhum visitou Melisande nessa noite? Depois... de mim?

Ele partiu um bocado de pão, franzindo o cenho. — Sim. Mas foi Persia, não Marmion. Tinha de implorar perdão a Melisande, disse ela. — Encolheu os ombros. — Não sei se é verdade. Mas ela saiu de lá, e bem antes do alvorecer. O guarda postado nas escadas corroborou a sua história, ou Ysandre jamais o teria deixado passar. Ele viu-a vir e ir. — Joscelin fez uma pausa, depois acrescentou, — Ghislain de Somerville disse que a viu abandonar a sala de audiência em lágrimas, depois de Ysandre ter acabo de interrogá-la. Disse que foi a única vez que jamais vira alguém da Casa Shahrizai chorar.

— Mas não Marmion. — Embrenhada em pensamentos, raspei a colher contra a minha malga de ensopado vazia. — Bem. Mesmo que ele visitasse Melisande, o guarda da poterna ter-lhe-ia oferecido resistência. De modo que, se é que esteve envolvido...

— Ainda tinha de haver mais alguém — disse Fortun, completando o meu pensamento. — Alguém em quem o guarda confiasse.

— Sim. — Pousei a colher. — O que nos traz uma nova pergunta: quem está de conluio com o Senhor Marmion Shahrizai e porquê? E a resposta a essas perguntas... — sorri — ...jaz ao meu alcance.

— Phèdre — murmurou Joscelin, mirando o seu copo de vinho. — Tem cautela com o Shahrizai.

— Ele não é Melisande. — Não tive necessidade de acrescentar que Marmion Shahrizai era como a pálida lua face ao sol flamejante ao pé da prima. Joscelin sabia-o. Poetas escreveram odes a Melisande Shahrizai, embora eu jamais tenha ouvido alguma que lhe fizesse justiça. Cantam-nas ainda; apenas mudam os nomes. Até mesmo versos inadequados eram demasiado belos para serem sacrificados à política.

— Pois não. — Lançou-me um olhar duro. — Mas uma víbora não é menos perigosa por ser pequena. E se Marmion Shahrizai tramou a morte da sua própria irmã, não terá escrúpulos perante seja o que for.

— Eu tomarei cautela.

— Ysandre é-lhe afeiçoada — anunciou Ti-Philippe. — Assim o dizem os guardas. Ele fá-la rir.

E bem devia fazê-lo; desde tempos imemoriais, a Casa Shahrizai tem produzido cortesãos mortalmente hábeis. Nenhum deles deteve jamais o trono — nem mesmo o ducado soberano de Kusheth — mas têm acumulado tremendas fortunas, e uma rede de influências sem rival. Se Marmion estava de conluio com Melisande, então tinha sacrificado

alguns dos seus aliados para ganhar a confiança de Ysandre. Se é que havia sobreviventes, deveriam estar nervosos.

— Bem — cisme em voz alta. — Se o Capitão da Guarda o permite, mantende contacto com esses serviçais dos Shahrizai descontentes, e apurai o que puderdes. Mais do que nunca, é importante que descubramos os homens de guarda naquela noite em Troyes-le-Mont.

— Sim, minha senhora! — Abrindo-se num sorriso, Remy fez-me vivamente a continência. — Não nos comportámos muito mal, ainda assim, pois não?

— Não — disse eu. — Nada mal de todo. Tirando a briga.

— Minha senhora! — protestou Ti-Philippe. — Ele disse que nós éramos lacaios de uma...

— Alto — disse eu com brandura, interrompendo-o. As palavras morreram-lhe na boca. — Philippe, comprometeste-te a servir uma *anguisette* e uma Serva de Naamah. Se as zombarias que ouves não forem piores que as que tu próprio fizeste, então calar-te-ás e engoli-las-ás.

Resmungando, ele deixou-se ficar num semblante de aquiescência.

— E se forem piores? — indagou Remy.

— Não podem ser — respondi-lhe secamente.

Pode parecer por vezes que um mistério foi perseguido em vão, todas as possibilidades esgotadas, todos os cursos de investigação percorridos. Assim me pareceu naquela noite, mas, de manhã, um novo pensamento me ocorreu. Thelesis de Mornay, a Poeta da Rainha, havia entrevistado muitos dos sobreviventes de Troyes-le-Mont, tirando copiosas notas para o seu épico do Ciclo Ysandrine. Quiçá haveria algo nas suas notas que revelasse ser proveitoso.

Dei voz à minha ideia para Joscelin quando ele entrou vindo dos seus exercícios matinais, e ele assentiu em concordância. — Vale a pena tentar, seja como for. — Sorriu. — Perdi a visita dela, no outro dia. Não me importaria de vê-la.

Chegámos ao Palácio ao meio-dia, e logo nos concederam audiência. Os alojamentos de Thelesis no Palácio eram espaçosos e bem mobilados, com um elegante mural de Eisheth tocando harpa na parede oriental e uma encantadora estátua de bronze do poeta tiberiano Catiline. A despeito de tudo, estavam uma confusão, com pilhas vacilantes de livros espalhadas por todo o lado, rolos de pergaminho em montes descuidados e documentos meio garatujados. Verdadeiramente, os aposentos de um poeta afadigado.

— Phèdre, Joscelin! — A tinta que lhe manchava a face nada retirou ao brilho das suas boas-vindas. — Apraz-me que tendes vindo.

Joscelin Verreuil, deixai-me olhar para vós. — Thelesis tomou-lhe as mãos, mirando-o com prazer. — Pareceis esplêndido — declarou. Ele inclinou-se para beijá-la na face. Thelesis de Mornay era uma das poucas pessoas por quem Joscelin sentia genuína afeição.

— Tal como vós — disse ele afectuosamente. — Espero que tenhais passado bem.

— Assaz bem. — Thelesis acenou na direcção do fogão crepitante. — Ysandre certifica-se de que eu não tenha hipótese de apanhar um resfriamento — disse, divertida. — Está quente bastante para um banho de vapor aqui dentro, na maior parte do tempo. Espero que não vos importeis. Dizei-me, então, o que vos traz cá?

Contei-lhe, e vi-lhe a expressão pôr-se alerta e pensativa.

— Tirei algumas notas, disse-me lembro eu. Ghislain de Somerville estava terrivelmente apoquentado; seu pai confiara a guarda ao seu comando nessa noite.

Eu e Joscelin entreolhámo-nos de relance. Ele abanou a cabeça ao de leve.

— Não suspeitais... — começou Thelesis, detendo-se então. — Ghislain. Suspeitais.

— Não quero fazê-lo — disse eu. — Viajámos sob o comando de Ghislain das margens do Rhenus até às montanhas de Camlach. Ele podia ter-se rido na minha cara, quando eu propus que oferecêssemos a Isidore d'Aiglemort uma oportunidade de redenção, e não o fez. Mas ainda assim.

— Não Ghislain — disse Joscelin firmemente. — Eu não suspeito de Ghislain.

Encolhi os ombros. — O que foi que ele vos disse?

Thelesis moveu pilhas de papel e de livros, desenterrando uma pasta volumosa atada com tiras de coiro. — Julgo que é esta — disse ela lastimosamente, olhando de relance para uma marca garatujada à pressa num canto superior. — Isto pode levar um bocado.

Sentámo-nos quietos, esperando enquanto Thelesis de Mornay remexia em folhas de pergaminhos.

— Se fosse em verso — murmurou —, tê-lo-ia gravado na memória, sabeis, mas no fim escolhi dar pouco lugar ao desaparecimento de Melisande... deixá-la ser uma nota de rodapé nos anais da História, depois de tudo, é mais do que ela merece... aqui está. — Sustendo as suas notas com o braço estendido, leu alto. — “E a noite passou-se bastante calma, com a solenidade apropriada à véspera de um dia cujo alvorecer traz a execução de um membro da fidalguia d'Angeline. Fiz as minhas

rondas à primeira badalada, e às três, e cinco, e estava tudo calmo. Depois, com o render da guarda ao alvorecer, irromperam à solta os sete infernos, quando Phanuel Buonard se dirigiu a tomar o lugar do guarda na poterna e o encontrou morto com uma facada no coração. Correu gritando pelos corredores inferiores por meu pai, e eu apanhei-o para lhe perguntar o que se passava. Quando acabou de me contar, metade da guarda reunira-se nos aposentos inferiores, e tive de ordenar a muitos que retornassem aos seus postos. Por essa altura, meu pai aparecera, e assumira o comando sem pensar. Não perdeu tempo a ordenar um destacamento para o segundo piso, para a câmara onde Melisande Shahrizai estava confinada. Ali, encontrou os guardas chacinados; um com uma adaga nas costelas, e o outro com a garganta degolada. A câmara, essa, estava vazia.” — Thelesis aclarou a garganta e levantou os olhos com uma expressão apologética. — É tudo, receio eu. Não é grande ajuda.

— Nada que não soubéssemos, seja como for — observou Joscelin.

— Isso não é verdade. — Apertando a cana do nariz, pensativa, levantei os olhos para as expressões admiradas de ambos. — Sabemos que não aconteceu antes das cinco badaladas. Sabemos que Ghislain comandou a guarda nessa noite, e não o seu pai Percy. Sabemos que a morte do guarda da poterna foi descoberta antes do desaparecimento de Melisande, e sabemos o nome do homem que a descobriu. E sabemos que o guarda da poterna e os guardas à porta de Melisande não foram mortos exactamente da mesma maneira.

— Phèdre, há uma dúzia de diferentes golpes mortais com uma adaga — disse Joscelin avisadamente.

— Quiçá. — Encolhi os ombros. — Mas é digno de nota, todavia. — Voltei-me para Thelesis. — Obrigada, deveras. Há mais alguém com quem tenhais falado a respeito dessa noite?

— Não. — Ela abanou a cabeça, pesarosa. — Tomara havê-lo feito, agora. Se não confiais em mais ninguém, penso ainda que deveríeis falar a Ysandre.

— Falarei — disse eu. — Quando souber algo mais.

ONZE



Nada mais apurara por ocasião do dia da Folia do Solstício de Inverno. Teria de ser o bastante, pois era chegado o tempo de dedicar as minhas energias ao Serviço de Naamah.

Estava tudo a postos. O meu traje e o conjunto de Fortun haviam sido entregues por um mensageiro da Casa Rosa Amarela. Depois de me certificar de que nenhuns ajustes finais eram requeridos, iniciei os meus preparativos luxuriando num banho quente fragrante de óleo aromático, com meia dúzia de velas dispostas de forma a alumiar os torvelinhos de vapor.

— Phèdre.

Era a voz de Joscelin à porta; sobressaltei-me, esparramando água para fora da tina. — Entra.

Ele assim fez, fechando a porta cuidadosamente atrás de si. Apoiei os braços sobre o rebordo da tina, levantando os olhos com curiosidade. — O que foi?

— Queria apenas ver-te uma última vez — disse ele baixinho, ajoelhando diante de mim e tomando-me as mãos nas suas. Um sorriso pesaroso pairou ao canto da sua boca. — Antes que o resto do mundo o faça.

— Oh, Joscelin. — Apertei-lhe as mãos; as minhas estavam escorregadias de água e óleo. O seu rosto à luz das velas estava confrangedoramente belo. — Podes perdoar-me, um pouco que seja?

— Se puderes perdoar-me a mim. — Afagou-me o cabelo húmido.
— Amo-te, sabes.

Assenti. — Sei. E eu a ti.

— Que Elua tenha piedade de nós. — Levantou-se, e ficou de pé a olhar para mim. — Deslumbrá-los-ás. Não terão noção de uma décima parte do teu valor, mas deslumbrá-los-ás, Phèdre. — As lágrimas assomaram-me aos olhos; não tinha resposta. Passado um momento, ele esboçou o seu débil sorriso. — Agora tenho de sair se quero estar no Templo de Elua antes de escurecer. Que Naamah te guarde nas suas mãos e te mantenha a salvo.

Algures, encontrei a minha voz. — Obrigada — sussurrei.

Com uma vénia inusitadamente desajeitada, ele assentiu em resposta, e saiu.

Fechei os olhos e deixei-me espojar naquela dor agridoce por um momento. Pelo menos ele *viera* ver-me, e dera-me a sua bênção, até certo ponto. Uma Serva de Naamah e um Cassiline; que Elua tenha piedade, deveras. Mas havia demasiado em jogo para me alongar sobremaneira nas complexidades da minha relação com Joscelin. Passado um momento, pu-lo relutantemente de lado e saí do banho para me enxugar com palmadinhas, chamando Gemma para me ajudar.

Na verdade, ter-me-ia dado jeito uma roda de ajudantes para me aprontar para a Folia. Dado que não a tinha, arranjei-me. O cabelo, cingi-o descuidadamente no topo da cabeça; teria de esperar para último. Primeiro, vinha o vestido.

Inconsistente como uma prece sussurrada, a malha de seda escarlate deslizou-me pela cabeça e escorreu como água à minha volta, ajustando-se às ancas e tombando então em dobras imaculadas varrendo o chão. Tinha um decote subido, elevando-se qual chama carmesim em torno da garganta, desmentindo a natureza ousada das costas cavadas; e bem cavadas que eram, roçando-me a base da marca.

— Oh, minha senhora! — exclamou Gemma, de olhos arregalados, mordendo os nós dos dedos.

— Não está mal, considerando o que custou. — Mirei-me atentamente ao espelho. — Aqui. — Apontei para a costura no meu flanco esquerdo, que jazia aberta. — É aqui que tens de coser. Estás certa de que estás à altura da tarefa?

— Si... sim. — A voz tremia-lhe, e os dedos estremeciam-lhe de nervos enquanto Gemma fazia por enfiar na agulha a linha que Favrielle nó Rosa Amarela providenciara. Passado um minuto, suspirei.

— Aqui, deixa-me... não, espera. Gemma, vai buscar Remy, vais?

Ela trouxe-o num instante, e ele entrou com um sorriso radioso, avistou-me, tossiu e prontamente tropeçou nos próprios pés.

— Remy. — Olhei impacientemente para ele. — Se bem me lembro, todos os marinheiros de Rousse se ajeitam com uma agulha e linha, e tu em particular, sim?

— Elua! — Disse-o de um sopro. — Vós reparais *deveras* em tudo! Que precisais que eu cosa, minha senhora?

Disse-lhe. O seu sorriso ainda mais radioso se tornou.

Houvessem as coisas corrido de outro modo na minha vida, reflecti, esta teria sido uma noite muito diferente. Poderia ter feito uma fortuna trabalhando sob o patronato de Delaunay; quando finalmente abrisse o meu próprio salão, teria ficado bem instalada. Não teria sido a Comtesse de Montrève, com a maior parte do meu dinheiro amarrado ao bem-estar do meu património e seus habitantes, implorando fundos, à mercê de uma intratável jovem criadora de vestuário para o meu traje, com um marinheiro temperado pela guerra por meu ajudante-chefe.

É uma boa coisa Elua ter julgado adequado outorgar-me sentido de humor.

Por acaso, Remy fez um trabalho impecável, e, uma vez terminado, o vestido escarlate ajustava-se ao meu tronco como se houvesse sido pintado sobre ele. Aquela detestável Favrielle era um génio. — Obrigada — disse eu para Remy, dispensando-o; ele abriu-se em novo sorriso, e saiu com uma risadinha. — Gemma, traz os meus cosméticos.

É coisa que não uso muito; sou assaz nova para que se torne vulgar. Um laivo de *kohl* para acentuar os olhos, que ficariam grandemente ocultos por trás do véu, e carmim para os lábios. Feito isso, dispus-me a arranjar o cabelo. Temos de aprender tais coisas, na Casa Cereus; felizmente, não perdera o jeito. Levou algum tempo, recrear a elaborada coifa que vira na ilustração de Mara que Favrielle me mostrara, mas fiquei bem satisfeita quando acabei.

O meio-véu, prendi-o com alfinetes de cabelo encimados por reluzente azeviche negro, e, uma vez colocado, o rosto de uma estranha fitou-me de volta do espelho. O meu olhar velado era lustroso e misterioso, por uma vez não traído pelo cisco escarlate no meu olho esquerdo. A elaborada coifa do meu cabelo escuro acrescentava uma elegância arcaica, e a minha pele clara cintilava contra a gaze negra do véu. E o vestido... levantei-me, e rodopiou-me em torno das ancas num deslizar carmesim.

— Acho que servirá — disse suavemente.

— Minha senhora. — Gemma sustinha um emaranhado de fitas escarlates. — Para os vossos pulsos.

Esquecera-me, aquele era o toque final para o traje de Mara; fitas de seda atadas em torno dos pulsos, pendendo graciosamente adejantes. Já com destreza bastante agora que os nervos haviam acalmado, Gemma prendeu-os no lugar com nós elegantes. Sustive o fôlego, sentindo-os apertados em tornos dos pulsos. Ali estava a prova, então. Se é que havia alguma verdade nas antigas lendas, a filha de Naamah, Mara, era verdadeiramente uma *anguisette*. Voltei-me, num rasto de fitas, avaliando o meu reflexo uma última vez. Vista de trás, toda a extensão das minhas costas estava desnuda, pele de marfim emoldurada de seda escarlate e fendida a meio pelas dramáticas linhas negras e acentos carmesins da minha marca.

— Servirá, deveras. — Era a voz calma e profunda de Fortun. Jazia apoiado à ombreira da porta, surpreendentemente elegante de veludo negro. A chave de bronze irradiava um brilho baço do seu peito, o emblema do chamamento de Asmodeu, e a mascarilha preta tornava-lhe as feições misteriosas. Culminava num par de cornos, perfurando os caracóis negros que lhe tombavam sobre a fronte. — Estais pronta, minha senhora? Ti-Philippe tem o coche à espera.

Inspirei fundo. — Estou pronta.

Ele curvou-se, e estendeu o braço. — Então partamos.

Empoleirado no assento do condutor, Ti-Philippe usava uma máscara de diabrete erguida para cima sobre a testa, para ver melhor. Quando eu assomei pelo braço de Fortun, emitii um assobio agudo e bateu com os pés, assustando os cavalos.

— Basta — disse eu, rindo. — Esta noite terás um comportamento exemplar.

— Tal como vós, minha senhora. — Com um sorriso irreprimível, pulou para o chão para abrir a porta do coche. — Embora isso possa significar algo diferente!

Fortun ajudou-me a subir para o coche e entrou atrás de mim, e não tardou que nos puséssemos a caminho.

Inexplicavelmente, dei comigo nervosa. Passara um longo tempo — dois anos, ao certo — desde que eu aparecera em público na qualidade formal de uma Serva de Naamah. Muita coisa acontecera desde que Melisande Shahrizai me fizera desfilhar perante os pares de Kusheth por uma trela de veludo. Pensando nisso, levei instintivamente os dedos à garganta onde dantes estivera o seu diamante. Eu fora escrava, embaixadora, e herdara um título de nobreza; aquilo que me propunha fazer agora estava muito longe dos meus tempos de *anguisette* de Delaunay, em que nada tinha que fazer senão o que a minha própria natureza

ditava e relatar as observações das minhas faculdades ao meu senhor Anafiel Delaunay.

Não tinha amo, patrono a quem reportar, e conhecia muitíssimo bem os riscos que o meu jogo envolvia.

— Minha senhora. — Fortun interrompeu-me os pensamentos. — Irão decerto fazer perguntas. Como desejais que lhes responda?

Ele estava certo, é claro; qualquer d'Angeline com mais de cinco anos sabia o que significava a visão de um Servo ou Serva de Naamah com a sua marca desnudada em público. — Esta noite — disse eu —, é a Noite Mais Longa, e eu estarei presente na Folia do Solstício de Inverno da Rainha, a seu convite, como Comtesse de Montrève. Levar a cabo comércio, mesmo comércio de Naamah, esta noite, seria impróprio, e farias bem em recordar-lhes isso... com cortesia, é claro. Quanto ao dia de amanhã, no entanto, se desejarem propor um encontro, poderão enviar um mensageiro com uma oferta por escrito.

Fortun pigarreou. — Estaria eu certo ao partir do princípio de que nenhuma promessa serão feitas, já que sois altamente selectiva nos encontros que escolheis, e já que os vossos gostos são notoriamente eclécticos?

— Sim. — Sorri. — Estarias.

— Já escolheste, minha senhora? — perguntou, curioso. — Quem será o primeiro?

— Não. — Rocei os dedos pela orla da cortina da janela. — O meu senhor Delaunay lançava a isca ao acaso, e pescava o que vinha. Eu farei o mesmo. Não sei, na verdade, quem a morderá.

— E se for Marmion Shahrizai?

— Se for Marmion — disse eu —, veremos. — Passei a cortina por entre os dedos. Melisande conhecera-me quase oito anos antes de me contratar, tirando a oferta de prazer ao Príncipe Baudoin de Trevalion. Isso quase me enlouquecera. Duvidava que o seu primo mais novo pudesse jogar o jogo da espera com a mesma devastadora paciência, mas seria interessante ver.

Viajámos algum tempo em silêncio. — Joscelin é que deveria estar aqui convosco — disse Fortun então, em voz baixa. — Ele está certo, eu não fui exercitado para servir como guarda pessoal. E ele é o único de nós a quem é permitido usar armas na presença da Rainha.

Encostei a cabeça contra a almofada do assento do coche. — Joscelin está a fazer o que precisa de fazer — disse —, tal como eu. Vai onde fores convidado, escuta e informa-te do que puderes. Não me faças lastimar isso, Fortun.

— Lamento, minha senhora. É só que... — Inclinou-se para a frente, o seu olhar penetrante sob os orifícios da máscara ao fitar-me. — Peço que me perdoeis, mas seja quem for que não escolha estar ao vosso lado, esta noite entre todas, é um tolo.

Sorri. — Obrigada, chevalier. Era precisamente isso que eu precisava de ouvir.

DOZE



Entrámos no salão de baile quando soavam as nove badaladas.
— A Comtesse de Montrève! — gritou o arauto, a sua voz meio perdida na algazarra da música e das conversas.
Todavia, causou sensação.

Levou algum tempo, para que os olhos vissem e os rumores se comesçassem a espalhar. Favrielle falara verdade, os trajes para a Folia do Solstício de Inverno nesse ano eram ornados. Mulheres, guarnecidas de folhos e camadas de tecido voltaram-se lentamente, movendo-se como galeões sob o peso dos seus atavios; os homens estavam escassamente menos oprimidos. Rostos mascarados voltaram-se na minha direcção.

Senti-o, o impacto de um cento de olhares fixos, à medida que se abria caminho para mim através do pavimento de mármore. Na Casa Cereus, éramos ensinados a mover-nos quais salgueiros balanceando, os membros movendo-se com graciosidade, as cabeças erguidas com orgulho. Reuni toda a força do meu adestramento para fazer aquela travessia, fitando a multidão por detrás do véu, sentindo-me meio-nua no meu vestido escarlate, com um rasto de fitas adejando-me dos pulsos. A meu lado, Fortun era um modelo de austero decoro.

E atrás de mim, no rasto da visão da minha marca desnuda, os murmúrios elevavam-se.

Verdadeiramente, o salão de baile do Palácio estava um esplendor nessa noite. Trata-se de um vasto espaço aberto, entremeado por uma

dupla fileira de esguias colunas. Cobrindo três paredes à sua volta, o deslumbrante fresco de Le Cavaillon, de Elua e Seus Companheiros cecando, e, lá no alto, o tecto pintado de um azul-nocturno com estrelas douradas. Mesmo no centro do salão jazia uma árvore astuciosamente forjada de bronze, e dos seus ramos pendia uma dúzia de frutos suspensos de fios de seda; maçãs, peras, tâmaras, figos e dióspiros, ameixas e nectarinas e outros cujos nomes desconhecia.

Na outra extremidade, sob a parede na qual se recreavam Elua, Cassiel e Naamah, jazia uma pequena fraga montanhosa e, nela, uma gruta artificial dentro da qual os músicos compunham um quadro vivo de musas hellenas e tocavam doces melodias. Aqui e ali havia falsas colunas, ocas por dentro, sustendo em nichos límpidas luminárias de vidro que irradiavam uma luz branda. Por todo o lado, do tecto, estavam suspensos candelabros com lamparinas de vidro flutuando em águas coloridas, dando a ilusão de luzes de fadas. Braseiras queimavam doce incenso, e grinaldas de sempre-verdes acrescentavam o seu límpido odor resinoso.

— Phèdre! — Ysandre de la Courcel, Rainha de Terre d'Ange, abriu caminho por entre os foliões, os seus dois guardas Cassilines adornados de cinza incongruentemente no seu encalço. Como era devido, ela trajava de Rainha das Neves, em camadas de espumosa gaze branca cintilando de diamantes. Usava a máscara de cisne da Casa Courcel, um elaborado capuz recurvando-se sobre a cabeça, os olhos violeta por detrás da máscara de penas brancas. — Acaso não vos teria reconhecido com esse véu, mas com essa marca, minha querida! Haveis-vos feito notada. Posso indagar a natureza do vosso traje?

— Mara — disse eu, erguendo um braço de modo que as fitas es-carlates me adejassem do pulso. — Filha de Naamah, gerada por um homicida, e escrava de Kushiel.

— Muito apropriado. — Os olhos de Ysandre pareciam divertidos por trás da máscara. — Bem, quase prima, saudei-vos devidamente e dei-vos sanção para o vosso propósito aqui; que não se diga que deixei de dar ao Serviço de Naamah a devida consideração. — Com o desembaraço de alguém nado e criado para comandar, voltou-se para dar com um criado exactamente onde o esperava, oferecendo uma salva com pequenos cálices de cordial. — Júbilo — disse Ysandre, erguendo o seu em brinde. — Que a Noite Mais Longa passe veloz e a luz retorne.

— Júbilo. — Peguei num cálice e ergui-o por minha vez, bebendo. O criado deixou-se ficar quando Ysandre avançou, apresentando a bandeja a Fortun. Ele aceitou um cálice e bebeu, arquejando ao seu sabor

límpido e ardente. — À Noite Mais Longa, chevalier! — Ri-me, sentindo o sangue formigar-me de excitação nas veias. — Danças, Fortun? Nunca te perguntei.

— Ponde-me à prova e vereis. — Tomando os nossos dois cálices, pousou-os na bandeja de um criado que passava e fez uma vénia, acompanhando-me à pista de dança.

Dançava deveras, e razoavelmente bem; eu fui adestrada para acompanhar quem quer que seja. Íamos bem juntos, com o tecido escarlata do meu vestido rodopiando contra o sóbrio veludo negro do seu conjunto de gibão e bragas. Vi cabeças voltarem-se à nossa passagem, os sussurros perplexos face ao meu rosto meio velado dando lugar ao reconhecimento que se fazia luz à vista da minha marca. Podia senti-la, quase, o intrincado padrão gravado ao longo da espinha, ardendo como se a tinta houvesse sido instilada de fresco pelo batedor do marquista.

Quando a nossa dança chegava ao fim, espiei uma figura trajando de Eremita do Bosque do Mar dirigindo-se a mim, irreconhecível em fluidas vestes azul-esverdeadas com uma mascarilha das feições do Eremita e uma falsa barba de caracóis brancos derramando-se-lhe por sobre o peito. — Phèdre nó Delaunay — disse ele, e o seu tom, embora formal, era caloroso de affecto. — O teu traje deixa-te em desvantagem para occultares a tua identidade.

Sorri. — Tal como a vossa voz, meu senhor de Fourcay.

Gaspar Trealion, Comte de Fourcay, soltou uma gargalhadinha e abraçou-me. — Elua, criança, como é bom ver-te bem! Como te assenta a condição de fidalga?

— Teria assentado melhor em Delaunay, meu senhor, mas faço o melhor que posso — disse eu honestamente. Repudiado pelo pai, Anafiel Delaunay de Montrève jamais usara o título para o qual nascera; era irónico que ele houvesse passado para mim. E ainda que não pudesse eliminá-lo daqueles de quem devia suspeitar, jamais duvidei que a amizade de Gaspar Trealion pelo meu senhor Delaunay fosse genuína — nem, deveras, o seu affecto por mim. — Dizei-me, como tendes passado?

Enquanto falávamos, uma mulher alta mascarada de elegante pastora — com folhos bastantes para aterrorizar qualquer rebanho, ousou dizer — convidou Fortun para a acompanhar numa dança com um aceno subtil do seu cajado dourado. Ele olhou-me interrogadoramente, e eu assenti.

— O teu Cassiline não está contigo — observou Gaspar.

— Está a fazer a vigília a Elua na Noite Mais Longa.

— Que pena. Ghislain lastimará não o ver. Nutre grande respeito por esse mancebo. — Sorriu. — Tal como eu, embora deva admitir que julguei Delaunay louco quando me disse que contratara um da Irmandade Cassiline para guardar uma Serva de Naamah.

— Também eu — disse eu absorta, perscrutando a multidão mascarada. — O meu senhor de Somerville está cá? Não, esperai, nada digais. — Avistei uma figura alta de ombros largos com máscara de águia-pesqueira, com uma companheira em traje similar a seu lado, falando com alguém que não reconheci de todo. — Ali, sob o fresco de Azza; deve ser Bernadette com ele.

— Deveras. — Gaspar Trealion soou admirado. — Não sabia que a tinhas conhecido.

— Não conheci. Vi-a no julgamento. — Era um assunto algo delicado; Bernadette de Trealion fora exilada por traição, embora não houvesse tomado parte nas maquinações da mãe. Fora Ysandre quem a redimira, colmatando a brecha através do casamento com Ghislain de Somerville, o apto filho do Comendador Real. Com a discrição que o véu me outorgava, olhei fixamente, tentando situar o acompanhante deles pelo formato do corpo, porte ou comportamento, mas não logrei reconhecê-lo. Até o seu traje, uma elaborada vestimenta listada com mangas tufadas, bragas multicolores e uma máscara de longo nariz, desafiava qualquer identificação. — Gaspar, quem é aquele com eles?

— Ah. — Ele sorriu. — Aquele, minha querida, é Severio Stregazza, filho varão de Marie-Celeste de la Courcel Stregazza, neto do Doge de La Sereníssima. Gostarias de conhecê-lo?

— Sim. — Tomei-lhe o braço, pousando-lhe as pontas dos dedos na manga. — Muito, meu senhor.

Gaspar Trealion cumpriu a sua palavra, escoltando-me lá sem demora. Depois de trocar afectuosas saudações com Ghislain e travar conhecimento formal com a sua esposa — não disse a Bernadette que a vira ser condenada ao exílio —, fui apresentada ao jovem senhor sereníssimo.

— Encantado, Comtesse. — O tom carrancudo de Severio Stregazza, num d'Angeline com ligeiro acento, dizia o contrário. Puxou pela gola tufada de renda. Visto de perto, tinha um brilho de suor nas feições, e parecia desconfortável no seu traje. Severio nascera e fora criado em La Sereníssima. Não mais do que um ou dois anos mais velho que eu, quanto muito, estava claramente pouco à vontade no ambiente que o rodeava e constringido à evidência do seu sangue misto numa festa d'Angeline. O seu olhar ardente e irritado tirou-me as medidas. — Sois

muito bonita — disse abruptamente. — Suponho que somos parentes de alguma forma?

— Não, Príncipe Severio — disse eu, abanando a cabeça. — O meu senhor Anafiel Delaunay de Montrève de Siovale adoptou-me formalmente na sua casa, e é dele o título que herdei. Não somos parentes, vós e eu.

— Que alívio. — Puxou a gola com mais força, de cenho franzido. — Praticamente cada fidalgo que tenho conhecido clama ser aparentado com o trono de uma forma ou de outra. Não logro ordenar tudo na minha cabeça.

— Não é fácil, primo — compadeceu-se amavelmente Bernadette. — Eu própria me deixo confundir, procurando desenredar o emaranhado de fios dos descendentes do Abençoado Elua.

Severio Stregazza brindou-a com um olhar descortês. Não pude culpá-lo pela sua raiva e desconforto, na verdade; nesta, entre todas as reuniões, os seus grosseiros caracóis e as linhas rudes das suas feições mostravam claramente a diluição da linhagem de Elua, levada para La Sereníssima na pessoa de Benedicte de la Courcel, tio-avô de Ysandre. — A vossa herança parece bastante clara, *prima*.

— As aparências iludem. — Ghislain passou protectoramente o braço em torno dela. Conquanto permanecesse calmo, adivinhava-se que estava inflamado; um odor a maçãs pairou no ar, sinete da Casa Somerville, descendentes da linhagem de Anael. — Minha esposa conheceu a traição e o exílio, Príncipe Severio, e a soberania do nosso ducado está suspensa sobre a nossa descendência. Ouso dizer que não podeis clamar o mesmo.

— Mas, aqui, fala a voz do sangue. — Severio encolheu os ombros. — Descendentes de Elua e Seus Companheiros! — Escarneceu das palavras. — Isso nada significa, em La Sereníssima. Não podeis saber como é.

— Acaso nos podereis dizer, meu senhor — ofereci.

— E simulareis interesse, por um preço? — Com voz áspera, Severio tomou-me o pulso e apertou-mo com força, com malícia. — Ouvi dizer, Comtesse, a quem haveis jurado servir! Em La Sereníssima, conservamos as nossas cortesãs no lugar que lhes pertence.

Os dedos dele apertando-me o pulso fizeram-me doer, e, na rudeza das suas mãos, senti-lhe a mescla de raiva e frustração, a sua necessidade de se destacar de todas as coisas dos D'Angelines e respectiva atitude de superioridade implícita para com tudo que não o era. O sangue correu-me mais veloz, respondendo à sua raiva, e sustive-lhe firmemente o olhar através da névoa do meu véu. — Eu sirvo Naamah, meu senhor, é verdade. E, por um preço, absolutamente nada simularei.

Fez-se um pequeno silêncio à nossa volta; Gaspar, Ghislain e Bernadette, ousou dizer, não perceberam o que se passou. Mas eu sim, e o jovem Stregazza. Se me orgulho de alguma coisa no meu chamamento, é jamais me haver enganado no julgamento de um patrono — e jamais ter deixado de reconhecer um patrono ao conhecê-lo. Severio Stregazza era um dos meus. Passado um momento, ele largou-me o pulso com uma interjeição de repulsa.

— Preciso de um cálice de cordial — disse, despedindo-se rudemente.

Gaspar Trealion ficou a olhar para ele. — Mas que mancebo estranho — observou. — Phèdre, qual diabo é o teu interesse nele?

Não podia explicar-lhe as compulsões de uma *anguissette*, e, seguramente, não ousava discutir as minhas suspeitas no que tocava a Melisande Shahrizai e às mortais teias de intriga no interior da família Stregazza. Em vez disso, sorri. — Tenho a fantasia — disse com ligeireza — de aprender alguma coisa a respeito de La Sereníssima. Seguramente isso poderá ele fazer por mim, pelo menos.

— Se assim o dizes — disse Gaspar devagar, avaliando-me duvidosamente.

O que teria eu dito para lhe apaziguar as suspeitas, não sei; Gaspar Trealion fora um dos amigos mais chegados de Delaunay, e não era tolo nenhum. Mas felizmente, naquele momento, uma mulher tocou-me o ombro desnudo, e dei meia-volta para deparar com um casal embriagado trajando de Diana e Apolo, as divindades gémeas solar e lunar dos Hellenos.

— Dizei-me, Serva de Naamah — disse a mulher rindo, a máscara prateada à banda sobre o rosto encantador —, quem representa o vosso traje? Fizemos uma aposta, eu e meu irmão.

Inclinei a cabeça para eles, erguendo os braços de modo que as fitas escarlates me pendessem dos pulsos. — Mara, minha senhora; filha de Naamah, e escrava de Kushiel.

— Eu bem te disse! — disse ele para ela com um triunfo de ébrio.

A mulher riu-se outra vez, roçando-me as pontas dos dedos pelo véu. Estava cerca bastante para lhe sentir o calor do corpo e o bafo de *joie* no hálito. — Então terei de pagar a penalidade por haver perdido — sussurrou. — Já acordámos tudo. Quando receberdes a minha proposta, recordai-vos de que está uma dívida de honra em jogo.

— Minha senhora — disse eu, lutando contra a vertigem. — Recordar-me-ei.

Eles riram-se e seguiram adiante. Gaspar Trealion no seu traje

de Eremita abanou o rosto falsamente barbado para mim. — Delaunay sentir-se-ia orgulhoso — disse retoricadamente. — Julgo eu.

— Quiçá. — Tomara que os adereços de Mara incluíssem um leque, pensei; dava-me jeito uma brisa refrescante. — Meu senhor, o sereníssimo é que estava com a razão, e hoje há que beber *joie*. Ireis visitar-me antes de deixardes a Cidade de Elua? Aprazer-me-ia sobremaneira oferecer-vos a minha hospitalidade antes que retornéis a casa.

— Seria uma honra — prometeu Gaspar, fazendo uma vénia.

Por essa altura, o *joie* e o vinho corriam livremente e a festa atingira o pico da animação. Não posso sequer enumerar os senhores e senhoras do reino com quem dancei, graciejei e namorisquei, nem as indagações, discretas e manifestas, que me foram feitas. Segui o conselho que dera a Fortun, e não fiz promessas a ninguém. Passou-se uma boa hora antes que o meu diligente chevalier desse com o caminho de volta para o meu lado, aparecendo algo desgrenhado da sua ausência.

— Minha senhora — saudou-me, ligeiramente esbaforido. — Ao que parece o interesse que instigais estende-se aos vossos acompanhantes!

Ri-me, e alisei-lhe o cabelo revoltado. — Às garras de quem escapaste tu, Fortun?

— Um cavaleiro não fala — replicou ele, abrindo-se num sorriso. — Deixai que vos diga apenas que há uns quantos fidalgos d'Angelines que acham que os seus rogos mais claramente serão ouvidos se eu interceder por eles. Fazem-se apostas sobre quem irá ser o vosso primeiro patrono, minha senhora.

— Deixá-los — disse eu com satisfação. — Por agora, julgas que lograrias assegurar-nos lugar à mesa do banquete?

— Considerai-o feito.

Não é servido um jantar formal na Noite Mais Longa, mas a mesa da Rainha estava permanentemente atulhada de coisas e uma torrente constante de criados ia e vinha, levando as bandejas e pratos vazios e trazendo um rol infindável de iguarias. Soava um tinir e arranhar de pratos e pratas, reluzindo à luz das velas, e os convivas comiam e tagarelavam incessantemente, erguendo copos de vinho, mergulhando os dedos em taças de água de rosas para os lavar. Ceei faisão coberto de mel e tomilho, tão tenro e doce que quase se derretia na boca; ousou dizer que Fortun provou cinco pratos por cada um meu. Havia um contingente de cruithne à mesa, representantes de Drustan mab Necthana, e passámos um tempo animado a conversar assim que descobriram que eu me encontrava presente, pois muitos deles ainda se sentiam desajei-

tados com a língua d'Angeline, e eu não esquecera o meu antigo papel de tradutora.

Foi durante uma de tais conversas que os músicos atacaram uma animada melodia caerdicci, e senti uma presença junto ao meu ombro. Voltando-me, levantei os olhos e vi Severio Stregazza.

— Comtesse. — Fez uma vénia cortês e estendeu a mão. — Dançais?

— Seria um grande prazer. — Tomando-lhe a mão, levantei-me graciosamente e segui-o para me juntar a ele na pista de dança.

A despeito de muito me ter gabado da minha habilidade, o sereníssimo conduzia desajeitadamente, e tive dificuldade em segui-lo de molde a ocultá-lo. Ainda assim, lá logrei fazê-lo — somos ensinados a fazer nada menos que isso, na Casa Cereus. O longo nariz da sua máscara batia-me no ombro nu, e o seu olhar queimava através dos orifícios dos olhos.

— Ouvi dizer que o Rei dos Dalriada foi para a guerra por uma noite nos vossos braços — disse ele abruptamente. — É verdade?

— Sim, meu senhor. — Antecipando uma lesta reviravolta, deixei-me levar. — De certo modo. — Não era mais nem menos que a verdade; não julguei necessário mencionar que Eamonn mac Conor fora a tais extremos tanto por inveja de sua irmã como por desejo por mim. Eamonn está morto, abatido no campo de Troyes-le-Mont, e, seja como for, agradecer-lhe-ia mais que se acreditasse na última do que na primeira, penso eu.

— Terre d'Ange está em paz. — Ele conduziu-nos através de uma multidão, e depois para fora dela. — Qual é o custo, então, para um Príncipe de La Sereníssima?

— Meu senhor — disse eu com brandura, levantando a cabeça para lhe suster o olhar. — Nenhum preço estabeleci, salvo o clamado pela honra de Naamah. Quando a Noite Mais Longa tiver passado, receberei ofertas, e veremos. Mas isto vos digo. — Sorri, e senti a sua fogsidade aumentar. — Os interesses de Naamah sempre foram... ecléticos. E vós sois o único príncipe sereníssimo presente no meu debute de retorno ao seu serviço.

Os braços de Severio, envolvendo-me, contraíram-se, embora ele mais não fizesse do que assentir. Quando a ária caerdicci chegou ao fim, largou-me com uma vénia rígida e afastou-se majestosamente. Teria novas dele. Não duvidava disso.

A pausa que se seguiu ao fim da melodia prolongou-se em silêncio, tornando-se lentamente aparente para a multidão. Os músicos na sua

gruta artificial de montanha pegaram nos seus instrumentos e desapareceram de mansinho. Um a um, os foliões arredaram-se da pista de dança. No silêncio, o toque a rebate começou a bater. Os relojoeiros haviam proclamado a hora, e o Arauto da Noite atravessou o salão, fazendo soar o seu gongo brônzeo numa batida cadenciada. Senti tocar-me no braço quando Fortun se me juntou, olhando-me de relance. No outro lado da colunata, vi Ysandre de la Courcel, resplandecente no seu traje de Rainha das Neves, cercada por uma roda de admiradores, o seu olhar fixo na montanha falsa.

Quando o Arauto da Noite atingiu a sua base, fez soar o gongo uma última vez.

Subitamente, tombou a escuridão. Devia haver criados junto de cada vela, para as apagarem com tão grande minúcia, e onde as lamparinas estavam suspensas de candelabros, fizeram baixar fiadas de cones de prata enfiados em cordas para as extinguir com toda a celeridade. Apenas as luminárias nas colunas ocas continuaram a brilhar, e um único candeeiro sobre a fraga montanhosa.

Com um pavoroso ranger, a própria montanha abriu-se revelando um interior oco, uma escada e um promontório; e, sobre ele, a Rainha do Inverno, envelhecida e claudicante, carregando o seu bordão de abrunheiro. Tenho amigos actores, sei como são feitas estas coisas. Mesmo assim, arquejei. Todos curvaram a cabeça, até Ysandre; foi-me difícil não tombar de joelhos, hábito profundamente enraizado. Do fundo do salão, onde as grandes portas se encontravam cerradas, veio o bater compassado da ponteira de uma lança. Uma, duas, três vezes.

— Que as portas se abram e deixem entrar o retorno da luz! — gritou Ysandre imperiosamente, e as grandes portas abriram-se de par em par ao seu comando.

Através delas passou um esplêndido carro de guerra, com luminárias suspensas e puxado por um par de cavalos brancos. Nele viajava o Príncipe Sol, a sua máscara a de um belo jovem, rodeada de raios dourados. Um murmúrio de assombro ergueu-se no salão. Com a parelha avançando a um passo impecavelmente cadenciado, quase se acercou do sopé da fraga escancarada. De pé sobre o carro, o Príncipe Sol assentou a sua lança dourada sobre a Rainha do Inverno.

Ela pareceu não se mover, e contudo o seu traje rasgou-se, tombando por terra e revelando a forma esbelta de uma donzela lá dentro. Num só gesto ousado, ela arrancou a máscara envelhecida e mostrou estar na flor da mocidade, sacudindo as tranças douradas que lhe caíam até à cintura. E a luz retornou ao salão, línguas de fogo serpenteando por

torcidas embebidas em óleo, enfiadas em inúmeras luminárias, acendendo-as de uma só vez. De súbito, o salão flamejava de luz, parecendo duas vezes mais claro depois da escuridão que a precedera.

Aclamámos; todos aclamámos. Não se pode deixar de fazê-lo, numa altura destas. Dos quatro cantos do salão, os músicos retornaram, tocando com redobrado vigor. O Príncipe Sol pulou do seu carro, e a Rainha do Inverno, agora Donzela da Primavera, desceu do seu morro para se lhe juntar na pista de dança. Num ápice, a eles se reuniu uma dúzia de pares, e, ao canto da pista, a roda de admiradores de Ysandre começou a desfazer-se, competindo pela honra de lhe ir buscar o seu próximo cálice de *joie*.

Exalei o ar que não dera por suster, apoiando-me no braço de Fortun. Era um espectáculo mais grandioso do que o da Casa Cereus, que é famoso por toda a Cidade, embora ouse dizer que não se fazem apostas sobre os seus actores no Umbral da Noite. Estes eram profissionais, actuando por ordem da Rainha, com inúmeros artesãos a assisti-los.

— Vamos dançar, minha senhora? — indagou Fortun.

— E se vos apraz, Comtesse de Montrève — insinuou uma melíflua voz masculina —, rogar-vos-ia a honra.

Voltando-me, avistei o meu mais recente pretendente fantasiado de Héspero, a estrela da tarde. O seu conjunto de gibão e bragas era de um profundo azul-crepúsculo, e por cima usava um manto de seda de um azul mais carregado, do tom da noite posta. Para a raridade que era, o corte era elegante e simples, exaltando o seu corpo bem-feito. O manto era adornado de um intrincado brocado, e nele estava incrustada uma miríade de pedacinhos de espelho, emprestando-lhe o brilho subtil do céu do anoitecer, e uma máscara de estrela prata obscurecia-lhe as feições. Reconheci-o pela voz, pela graça e pelo cabelo negro, que lhe tombava numa cascata de finíssimas tranças pelas costas abaixo.

— Meu senhor Shahrizai — disse, mantendo a voz grave. — Dançemos então.

Com uma vénia imaculada, Marmion Shahrizai acompanhou-me até à pista de dança.

Houvesse eu tido uma dúzia ou mais de pares nessa noite, que tive, nem um só estava perto da sua perícia. Pratica-se duramente também para se ser o perfeito sedutor da corte, penso eu, e os Shahrizai não têm par. Marmion fez-me deslizar através da pista, uma mão tomando a minha, outra pousada com segurança na base das minhas costas, e eu não tinha mais precisão de pensar para me deixar conduzir por ele do que tenho para respirar. Com efeito, ouvi murmúrios de admiração à

medida que passávamos, pois é da natureza d'Angeline admirar a beleza em todas as suas formas. Vamos bem um com o outro, eu e ele.

Nas escassas polegadas que nos separavam, a conversa era outra.

— Dizei-me então — declarou ele, sorrindo divertido —, tivestes novas da minha prima?

Eu sorri-lhe de volta, os meus movimentos fluindo sem esforço com os seus. — É estranho que tenhais de indagar, meu senhor; eu perguntava-me o mesmo a vosso respeito.

Marmion Shahrizai curvou ternamente a cabeça junto à minha. — Se tivesse novas de Melisande — murmurou-me ao ouvido —, a mensagem decerto seria entregue na ponta de uma espada. Mas tenho estado a pensar, Comtesse. — Agarrou-me à distância de um braço enquanto executávamos uma complexa série de passos, depois puxou-me contra ele novamente quando a música abrandou. — Alguém alcançou a poterna de Troyes-le-Mont sem que lhe fosse oferecida resistência, sim? E quem era detentora de mais confiança e de menos suspeita do que a *anguissette* de estimação da Rainha? — A sua expressão permaneceu inalterável, sorrindo para mim. Só eu teria captado a crueldade que ela continha. — Haveis estado de conluio com minha prima desde o princípio, Comtesse; não julgueis que não tenho olhos para vê-lo. Asseguro-vos — sussurrou, apertando-me a mão com mais força —, que estou vigilante.

Puxou-me com força contra ele, a minha bacia firmemente pressionada contra a dele, os meus seios roçando-lhe o peito. Inclinei o pescoço para trás para mirar o seu implacável e sorridente rosto mascarado de estrela. — Simulais lealdade à Rainha, meu senhor Shahrizai? — perguntei-lhe esbaforida, lutando para igualar a sua pose. — Ovi dizer que fostes vós que ateastes o fogo que matou vossa irmã, não fosse ela revelar a cumplicidade com a qual a traístes.

O sorriso de Marmion endureceu e a sua mão espalmou-se nas minhas costas, pressionando-me com mais força contra ele. Pude sentir-lhe as pontas dos dedos enterrarem-se-me na carne, e, por sob as bragas, o seu falo erguer-se, rígido e premente contra mim. A sua outra mão fechou-se sobre a minha com força, comprimindo-me as articulações. — Ouvistes? — perguntou. — Eu também ouço dizer muita coisa a vosso respeito, Comtesse. Acredito que nem todas sejam caluniosas mentiras, como essa que escutastes.

O Dardo de Kushiel atingiu quem lhe apraz; o meu corpo traiu-me, anelante contra o dele. Ele dançava com graça consumada, e ninguém senão eu sabia que os seus quadris se moviam com a subtileza de uma

hábil tríbade, movendo-se contra mim enquanto a sua mão de ferro me sustinha no lugar. Debati-me em vão contra o adejar nas minhas entranhas, o calor emergente. — Senhor Shahrizai — disse, com a voz tensa —, rogo-vos que me largueis.

— Faríeis uma cena? — Ele sorriu sem remorsos; a minha mão esquerda estava dormente sob o aperto da sua e movi-me impotente contra ele, ondulante de desejo. — Ou dareis o vosso *signale*, porventura, *anguissette*? Conheço tudo a vosso respeito, e estou vigilante. Ficai sabendo que nada se intrometerá entre mim e a Rainha; nem um princepezote bárbaro tatuado, nem a minha prima e, seguramente, nem vós!

Os músicos terminaram a sua ária com um floreado, ocultando o meu arquejar quando Marmion Shahrizai me soltou, quase à beira do ápice. Ele olhou-me arrogantemente por detrás da máscara. — Quando pensardes em atravessar o meu caminho, pequena *anguissette* — disse com divertido desdém —, rogo-vos que vos recordeis desta dança.

— Meu senhor — disse eu, recompondo-me a custo. — A harpa eólica soa a cada brisa que passa, mas isso não significa que a melodia seja eximamente tocada.

Uma pausa momentânea, e então ele soltou uma risada cínica e fez uma vénia. — Empréstais-lhe boa face, *anguissette*. Não deveria esperar menos de uma das criaturas de Melisande, e já agora vós sois uma excepcional. — Tocou-me o rosto ao de leve à laia de aviso. — Disse-o uma vez; não me obrigueis a dizê-lo duas. Seja qual for o vosso jogo, conservai-o longe de mim.

Enquanto eu o via afastar-se, Fortun acercou-se de mim uma vez mais. — Minha senhora — perguntou, ansioso —, desejais que fale com ele?

— Não — murmurei, vendo a luz das velas diluir-se em mil pontinhos tremeluzentes do manto espelhado do Shahrizai. — Ou ele é louco, para assim sobrestimar a sua mão, ou é mais subtil do que eu o julgava, para isso me fazer crer. E duvido muito que seja o último. Fiquemos de olho no Senhor Marmion Shahrizai, para ver que mais virá ele a revelar. Mas, por agora, penso que devemos procurar o nosso traidor noutra lado. — Suspirei, o corpo latejando de desejo não saciado. — Fortun, se cuidas de mim, mantém-te a meu lado durante o resto desta Noite Mais Longa, e trata de que eu nada faça que venha a lamentar ao alvorecer.

— Prometo — jurou resolutamente.

Para alguma consternação minha, assim fez.